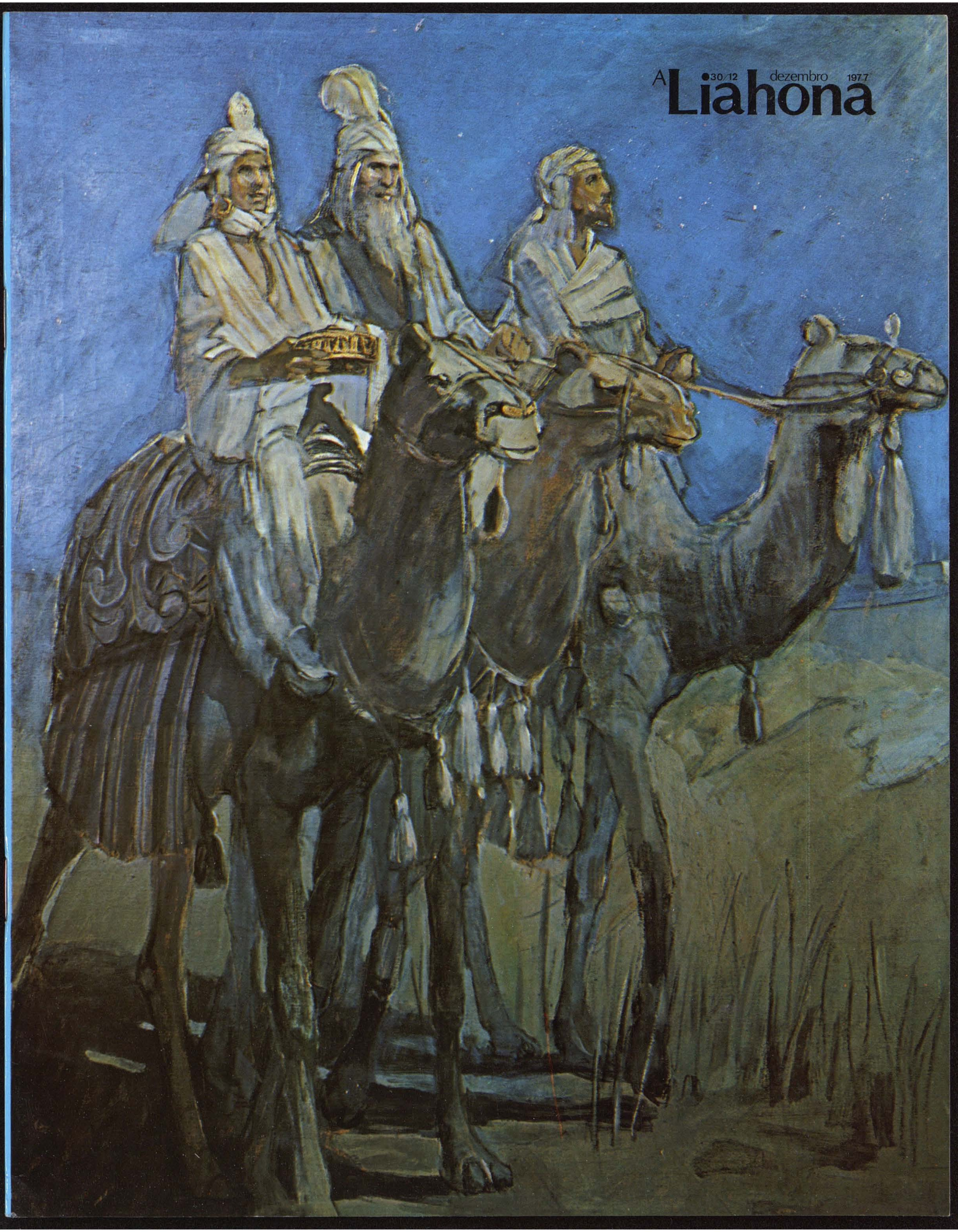


A Liahona

30/12 dezembro 1977






A Liahona

30/12 dezembro 1977

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
Maria Antonia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

1 **Mensagem da Primeira Presidência: UMA DÁDIVA DE GRATIDÃO,** Presidente Spencer W. Kimball

3 **O MUNDO ESPIRITUAL, NOSSO FUTURO LAR,** Dale C. Mouritsen

9 **COMO PODEMOS ENSINAR NOSSOS FILHOS A SE COMUNICAREM BILATERALMENTE COM SEU PAI CELESTIAL,** Stephen R. e Sandra Covey

12 **Diário Mórmon: 2 000 PESSOAS ESTÃO ORANDO POR VOCÊ,** Lyn Niemeyer

14 **TENDO FOME, SEDE E ENSINANDO,** Theo E. McKean

27 **PROFETAS ANTIGOS PREVIRAM AS EXPEDIÇÕES DE COLOMBO**

28 **SEREIS ENSINADOS, QUER ESTEJAIS PREPARADOS OU NÃO,** Boyd K. Packer

NOTÍCIAS LOCAIS

30 **Perfil de um Líder: PRESIDENTE JOÃO EDUARDO KEMENY**

32 **TEMPLOS SAGRADOS**

37 **NOTÍCIAS DO TEMPLO DE SÃO PAULO**

SEÇÃO DAS CRIANÇAS:

17 **O MILAGRE DA LANTERNA,** Bernardine Beatie

20 **O NATAL TODOS OS DIAS DO ANO**

22 **REMINISCÊNCIAS DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA**

SEÇÃO DA JUVENTUDE:

25 **O ÚLTIMO NATAL DO PROFETA,** Albert L. Zobell, Jr.

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 40,00; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 4,00. Exemplar atrasado: Cr$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.*

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, Rua Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

GM
M205.51
L694P
v.30
1977

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Uma Dádiva de Gratidão



Presidente Spencer W. Kimball

Um dos presentes que podemos ofertar por ocasião do Natal, que ninguém mais pode dar, são os nossos agradecimentos. Gostaria de agradecer a algumas pessoas que merecem a minha gratidão.

Agradeço a minha esposa maravilhosa e a nossa família, pelo constante apoio que sempre me deram durante todos esses anos.

Sou muito grato a meus hábeis, leais e nobres conselheiros, aos Doze Apóstolos, ao Patriarca e ao Primeiro Quorum dos Setenta, que servem como testemunhas especiais do Salvador ao mundo. Agradeço também ao Bispado Presidente, que administra aos pobres e necessitados, cumprindo parte da sua mordomia especial de natureza terrena.

Sou grato aos membros da Igreja, e desejo expressar a minha gratidão a eles por sua nobreza e generosidade.

Sou grato ao Profeta Joseph Smith, que nasceu neste mês há muitos anos passados. Não precisamos de que o mundo nos diga o quanto o Profeta foi maravilhoso, mas é interessante notar o que declarou Tolstoi a respeito da religião fundada pelo Profeta Joseph Smith sob a direção do Senhor Jesus Cristo:

"O povo mórmon ensina não só a glória dos céus e suas associadas, mas como viver para que suas relações econômicas e sociais uns para com os outros, sejam assentadas em bases sólidas. Se o povo seguir os ensinamentos dessa Igreja, nada poderá deter o seu progresso — ele será ilimitado. Grandes movimentos iniciados no passado, ou já morreram ou foram modificados antes de atingirem a maturidade. Se o Mormonismo for capaz de resistir, imutável, até a terceira e quarta geração, ele está destinado a se tornar o maior poder que o mundo jamais conheceu." (**Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro**, p. 401.)

Também sou grato pelo progresso que o reino vem alcançando. Há atualmente o maior número de missionários de tempo integral que jamais tivemos em toda a história da Igreja — aproximadamente 26 000. Quão apropriado é, nesta época do Natal, reconhecer que tantos homens e mulheres estão andando pelo mundo pregando as boas novas, não apenas declarando que Jesus nasceu, mas que ele vive e dirige a sua Igreja e reino.

As boas novas do Evangelho estão trazendo dezenas de milhares de pessoas para o Reino, que reconhecem a missão divina de Jesus Cristo, em torno do qual os festejos natalinos são centralizados.

Também é gratificante notar a generosidade das contribuições feitas pelos santos, na forma de ofertas de jejum, para cuidar dos pobres e necessitados. Nesta época, relembramos que José e Maria não encontraram lugar na estalagem. Agora os santos estão cuidando para que os nossos pobres e necessitados não sejam esquecidos. Estão fazendo isto à maneira do Senhor.

Também é motivo de imensa satisfação observar o grande número de rapazes e moças que se estão casando para o tempo e eternidade em nossos templos. Os casamentos no templo estão alcançando o mais elevado nível desde o início do século.

Além disso, aumentou consideravelmente o percentual de membros da Igreja que estão assistindo à reunião sacramental, para ouvir as doutrinas e mensagens do Salvador.

Assim, irmãos e irmãs, tenho muitas coisas que devo agradecer. Agradeço a meu Pai Celestial e a todos vocês. Esta é uma oportunidade em que devemos contar as bênçãos que recebemos e nos preparar para um novo ano, para o qual devemos estabelecer novas resoluções e metas pessoais. Essa avaliação parcial das bênçãos coletivas que recebemos deve ajudar-nos a sermos ainda mais gratos e determinados. Por favor, façam o mesmo em âmbito familiar. Contem as suas bênçãos e expressem sua gratidão a seus companheiros eternos, a seus filhos e a seus pais, por tudo o que lhes fizeram.

Em meio a tudo isso, irmãos e irmãs, se vivermos de modo que nos permita sermos mais aceitáveis à vista de Deus, não devemos surpreender-nos, se formos rejeitados pelo mundo, e seus caminhos se tornarem cada vez mais estranhos para nós. O Evangelho não somente nos oferece a única perspectiva da vida eterna, mas também nos proporciona um meio completo de vivermos na mortalidade. Enquanto muitas pessoas do mundo consideram a morte como o final e a perda de todas as esperanças, nós testificamos quanto à realidade da ressurreição. Assim como a imortalidade e a vida eterna formam um acentuado contraste com a falta de propósito do mundo, da mesma forma a maneira correta de viver está em agudo contraste com os caminhos do mundo. Verifiquemos se há óleo em nossas lâmpadas. Vivamos nossas vidas de modo que possamos ter o dom do Espírito Santo operando constantemente em nossas vidas.

Lembremo-nos de que a grandeza nem sempre é decorrente da posição que temos na vida, e sim na qualidade de vida que temos. A verdadeira grandeza nem sempre pode ser avaliada pela grandiosidade das nossas tarefas, mas pela maneira como as executamos, sejam elas quais forem. No espírito dessa atitude, dediquemos o nosso tempo, nossa vida e talentos às coisas que realmente têm valor agora, e que continuarão a ser valiosas nos milênios vindouros.

Mesmo que as circunstâncias e acontecimentos que ocorrem atualmente no mundo nos pareçam desanimadores, nossa tarefa, não apenas nesta época do Natal, mas sempre, é a de termos bom ânimo. O Senhor nos aconselha freqüentemente a termos bom ânimo em nossas vidas.

"E agora, na verdade vos digo, e o que digo a um digo a todos, tende bom ânimo, filhinhos; pois estou em vosso meio, e não vos abandonei." (D&C 61:36.)

"Portanto, tende bom ânimo e não temais, pois eu, o Senhor, estou convosco e convosco ficarei; e vós testificareis de mim, mesmo Jesus Cristo, que sou o Filho do Deus vivo, que eu era, que eu sou, e que eu virei." (D&C 68:6.)

O Senhor estará sempre em nosso meio, ele estará conosco e permanecerá ao nosso lado para nos guiar.

Unimo-nos gratamente a milhares de pessoas da humanidade que celebram o nascimento de Jesus nesta época, embora saibamos que seu nascimento tenha ocorrido realmente em abril. Seu nascimento simboliza a esperança que sempre nos traz uma nova vida. Os membros da Igreja, ao confraternizarem com outras pessoas na celebração desta época natalina, jamais devem deixar de aceitar a realidade do nascimento de Jesus, mas também a da sua ressurreição. Sabemos muito bem que o que Cristo conseguiu alcançar, não terminou na cruz do Calvário, mas **continuou** depois da ressurreição. Ninguém pode ser um bom cristão e acreditar em menos do que isto.

Enquanto muitas pessoas se apegam à morte e sofrimento de Jesus e fazem deles a base de sua crença, nós sabemos que os propósitos de Deus foram cumpridos, não frustrados. Sabemos que a ascensão no Monte das Oliveiras foi tão real quanto o nascimento em Belém. Sabemos ainda que Cristo voltará novamente em grande poder e majestade, contrastando com a sua primeira vinda, como uma humilde criança numa manjedoura.

Quando meditarmos, portanto, presenteando agora e em todas as ocasiões, lembremo-nos de que nosso Pai Celestial nos deu a maior de todas as dádivas.

"E, se guardares os meus mandamentos e perseverares até o fim, terás a vida eterna, que é o maior de todos os dons de Deus." (D&C 14:7.)

Que Deus vos abençoe com uma crescente apreciação por essa grande dádiva, e que possamos testificá-la, entregando-nos inteiramente aos seus propósitos.

"Vinde a mim," disse o Salvador. E acreditamos que não é impossível segui-lo. Todos nós podemos caminhar os quilômetros que ele andou, pois ele deu um passo de cada vez e uma jornada de cada vez. Poderíeis caminhar de Jerusalém a Nazaré. Poderíeis caminhar até o Mar da Galiléia, partindo de Nazaré. Poderíeis também acompanhar José, Maria e Jesus ao Egito. Poderíeis subir ao monte da Transfiguração, e ir e voltar de Jerusalém a Belém, ao Mar Morto, a Betânia e ao Rio Jordão. Tudo isto poderíeis fazer. Mas o Senhor não espera que o sigamos dessa maneira. Ele nos ensinou que devemos seguir os seus ensinamentos e seu exemplo. Toda pessoa que possui uma saúde normal, pode caminhar aquelas distâncias, subir aquelas colinas e cruzar riachos, mas é algo muito diferente ser "como eu sou" (3 Néfi 27:27), como ele disse aos nefitas.

Que Deus vos abençoe nesta época feliz e gloriosa do Natal. Que a paz esteja convosco.

"Eis que sou Jesus Cristo", disse ele, "o Filho de Deus. Eu criei os céus, a terra e todas as coisas que neles há. Tenho estado com o Pai desde o princípio. Estou no Pai e o Pai está em mim, e em mim o Pai glorificou seu nome.

"Vim aos meus e os meus não me receberam. E as escrituras relativas à minha vinda se cumpriram.

"E sou a luz e a vida do mundo, sou Alfa e Ômega, o princípio e o fim.

"Por conseguinte, todos os que se arrependerem e vierem a mim como criancinhas, eu os receberei, pois dos tais é o reino de Deus. Eis que por estes dei minha vida e tomei-a de novo; por conseguinte, arrependei-vos e vinde a mim, ó vós, extremos da terra, e salvai-vos!" (3 Néfi 9:15, 16, 18, 22.)

Eu sei que Deus vive, que Jesus é o Cristo, e que o Evangelho contém as verdades divinas de todas as épocas. Presto este testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Mundo Espiritual, Nosso Futuro Lar

Dale C. Mouritsen

Sempre que ouço e participo de debates sobre o tema "após a morte, o quê," com alunos e famílias de diversas áreas da Igreja, tenho observado as pessoas manifestarem dois tipos de sentimentos: um grande desejo de saber mais a respeito da vida espiritual pós-terrena (daqui por diante citada apenas como mundo espiritual) e um receio injustificável de perguntarem a respeito dele, como se o mundo espiritual fosse um assunto que não devemos discutir.

Creio que é muito apropriado termos cautela ao debater um assunto tão sagrado, especialmente porque existe muita informação "popular" na sociedade contemporânea a respeito do mundo espiritual, envolvendo histórias sensacionais de fantasmas, demonismo e outros problemas semelhantes. Todavia, o simples desejo de obter mais conhecimento sobre esse assunto, é bastante louvável. Nossos amados parentes que partiram habitam aquele mundo, e logo nos juntaremos a eles. É um assunto muito saudável e sagrado, e devemos discuti-lo com essa atitude.

Além disso, o Profeta Joseph Smith declarou que os santos **devem** aprender qual é o propósito da vida e da morte. Na verdade, devem estudar esse assunto "mais do que qualquer outro" — "deveríamos estudá-lo dia e noite." Ele declarou ainda: "se quisermos receber **algo** de nosso Pai Celestial, deve ser conhecimento sobre esse importante assunto." (**Ensinamentos,** p. 316, itálicos adicionados.)

Temos o direito, portanto, de compreender a verdadeira natureza de nossa existência, e também a responsabilidade de pesquisar profundamente esse assunto, pois quanto mais nos conscientizarmos de que o mundo espiritual é realmente uma extensão de nossa existência mortal, tanto menos deixaremos que nossos corações sejam influenciados pelas riquezas deste mundo.

Uma das mais bonitas histórias que conhecemos a esse respeito é uma experiência vivida pelo Presidente Heber J. Grant, a qual prova que um testemunho sobre o relacionamento correto que existe entre a vida, a morte e o mundo espiritual, pode confortar-nos nos momentos de tristeza, ajudar-nos a compreender quais são os propósitos de Deus, e nos ensinar qual é a verdadeira natureza de nossa existência. O Presidente Grant escreveu o seguinte:

"Fui abençoado com apenas dois filhos, um dos quais faleceu com cinco anos de idade, e o outro aos sete, de uma enfermidade localizada na bacia. Tinha muita esperança de que ele vivesse para pregar o Evangelho no país e no exterior e de que fosse motivo de orgulho para mim. Uma hora antes de ele morrer, sonhei que sua falecida mãe veio buscá-lo, trazendo consigo um mensageiro, e disse a ele que levasse o menino enquanto eu estava adormecido; e no sonho, pensei ter acordado e lutei para mantê-lo comigo, até que consegui livrá-lo das mãos do emissário que viera tirá-lo de mim, e nesse esforço, tropecei e caí sobre o lado ferido de meu filho.

"Os terríveis gritos de dor e angústia que a criança proferiu, levaram-me às raias da loucura. Não pude suportar, levantei-me e corri para fora de casa para não ver sua agonia. Sonhei ainda que, ao sair de casa, encontrei o irmão Joseph E. Taylor, e contei-lhe o que havia acontecido.

"Ele me disse: 'Heber, você sabe o que eu faria, se minha mulher viesse biscar um de seus filhos? Não lutaria para conservar a criança comigo; não me oporia de modo algum que ela o levasse. Quando uma mãe que viveu dignamente passa para o outro lado do véu, deve saber se seu filho terá que ser aleijado pelo resto da vida ou se seria melhor e mais sábio que tal criança fosse libertada da tortura da vida; e quando paramos para meditar, irmão Grant, que a mãe daquele rapaz passou pelas sombras da morte para lhe dar a vida, creio que é ela quem deveria ter o direito de levá-lo consigo ou deixá-lo a seu lado.

"Eu disse a ele: 'Creio que você tem razão, irmão Taylor. Se ela voltar novamente, deixarei que leve o menino, sem oferecer qualquer resistência."



"Após haver chegado àquela conclusão, fui despertado por meu irmão B. F. Grant, que permanecera conosco naquela semana, para ajudar-me a cuidar do menino enfermo. Ele me chamou para o aposento onde se encontrava e me disse que meu filho estava morrendo. Fui para o quarto da frente e sentei-me. Havia uma cadeira vazia entre mim e minha segunda esposa, que ainda vive, e senti a presença da falecida mãe do menino sentada naquela cadeira. Não contei a ninguém o que sentia, apenas me voltei para minha mulher e disse-lhe: "Você sente algo estranho?" Ela respondeu: "Sim, tenho certeza de que a mãe do pequeno Heber está sentada entre nós, esperando para levá-lo embora."

"Sou um homem emotivo por natureza. Único filho de meus pais, fui criado com todo afeto que uma mãe pode dedicar a um filho. Creio que sou afetivo e compassivo a ponto de chorar por meus amigos — de verter lágrimas de alegria pelos seus sucessos e de tristeza por seus infortúnios. Mas sentei ao lado do leito de morte de meu filhinho e o vi morrer, sem que eu derramasse uma só lágrima. Minha esposa viva, meu irmão e eu sentimos naquele momento uma influência doce, serena e celestial invadir nosso lar, a maior que tive a oportunidade de sentir em minha vida." (**Improvement Era,** junho de 1940, p. 330, 383.)

De acordo com a doutrina da Igreja, o mundo espiritual é o lugar onde habitam todos os que morrem e estão aguardando a ressurreição e a inseparável união de seus corpos com seus espíritos. Portanto, não é o lugar onde Deus, o Pai, o Senhor Ressuscitado e outros seres ressurretos habitam, mas sim uma condição ou estado intermediário, onde as pessoas esperam a ressurreição — uma esfera onde vivem os espíritos desencarnados em uma das diversas condições que herdaram segundo o que mereceram em sua vida mortal.

Falando a respeito dessas condições, Alma declarou a seu filho Coriânton que um anjo lhe fez saber que "todos os homens, logo que deixam este corpo mortal, sim, os espíritos de todos os homens, sejam eles bons ou maus, são levados para aquele Deus que lhes deu a vida". (Alma 40:11.) Isso não quer dizer que serão levados à presença literal de Deus, ou ao planeta em que ele habita, (vide Joseph Fielding Smith, **Answers to Gospel Questions,** Deseret Book Company, 1958, 2:84-87), mas sim ao mundo espiritual. Alma acrescenta ainda: "E deverá suceder que os espíritos daqueles que são justos serão recebidos num estado de felicidade, que é chamado paraíso, um estado de descanso e paz onde terão descanso para todas as suas aflições, cuidados e dores." (Alma 40:12.) Um pouco antes de morrer, Morôni anteviu a sua entrada nessa condição bendita no mundo espiritual, e escreveu: "Cedo descansarei no paraíso de Deus, até que meu espírito e corpo se reúnam de novo e eu seja carregado triunfante pelo ar, para encontrar-me convosco no agradável tribunal do grande Jeová, o Juiz Eterno, tanto de vivos como de mortos." (Morôni 10:34.)

Contudo, nem todas as pessoas terão a oportunidade de descansar no paraíso. Alma esclareceu: "Os espíritos perversos, sim, aqueles que são maus, não terão parte no Espírito do Senhor — pois eis que preferiram praticar o mal e não o bem e, por conseguinte, o espírito do demônio entrou neles e tomou-os para si. Esses serão atirados na escuridão exterior; ali haverá pranto, lamentos e ranger de dentes; e isto em virtude de sua própria iniqüidade, pois tornaram-se cativos da vontade do demônio." (Alma 40:13.)

Assim como o paraíso não é a morada eterna dos justos, o inferno no mundo espiritual não é a habitação eterna dos iníquos. Relatando sua visão do mundo telestial, o Profeta Joseph Smith escreveu: "Estes são os que não serão redimidos do diabo até a última ressurreição, até que o Senhor, mesmo Cristo, o Cordeiro, tenha consumado a sua obra." (D&C 76:85.) E acrescentou ainda: "Estes são aqueles que... são arremessados ao inferno e sofrem a ira de Deus Todo-Poderoso, até a plenitude dos tempos, quando Cristo tiver subjugado sob seus pés todos os seus inimigos, e tiver aperfeiçoado o seu trabalho." (D&C 76:106, vide também Apocalipse 20:13.) O inferno no mundo espiritual terminará para todas as pessoas, quando elas tiverem ressuscitado. Elas são eventualmente libertadas dessa condição pelo sacrifício expiatório de Cristo. (Ver 2 Néfi 9:6-12.) Os que "ainda permanecerem imundos" (os filhos de perdição), permanecerão no inferno, mas será um lugar separado do inferno do mundo espiritual. (Ver D&C 76:43-49.) Depois que os filhos de perdição ressuscitarem, o mundo espiritual não terá habitantes. (Bruce R. McConkie, **Mormon Doctrine,** 2.ª ed. p. 762.)

Pedro referiu-se ao mundo espiritual como uma "prisão", o que realmente é para algumas pessoas. (1 Pedro 3:18-20, 4:6.) Entretanto, ele é principalmente um local de aprendizado e espera, e não um lugar de sofrimento. Nele são ensinadas as pessoas que não tiveram a oportunidade de receber o Evangelho nesta vida, e as que tiveram oportunidade parcial de recebê-lo e o rejeitaram. Em 1893, o Presidente Lorenzo Snow, quando presidia o Quorum dos Doze, declarou numa conferência geral a sua firme convicção de que, "quando o Evangelho é pregado aos espíritos em pri-

são, o sucesso da pregação é bem maior do que quando os élderes propagam sua mensagem nesta vida mortal. Creio que haverá bem poucos espíritos que não receberão alegremente o Evangelho, quando lhes for apresentado. As oportunidades serão milhares de vezes mais favoráveis." (**Millenial Star,** 56:50.)

Em resumo, o mundo espiritual é a morada temporária dos espíritos de toda a humanidade, sejam eles bons ou maus. Por isso, Joseph Smith declarou que "os justos e os iníquos vão todos para o mesmo mundo dos espíritos, até o tempo da ressurreição". (**Ensinamentos,** p. 302.) Ainda assim, muitas pessoas ficam imaginando por que Jesus prometeu ao ladrão moribundo que, após a morte, ele estaria com o Salvador no paraíso. O Profeta ensinou: "Os tradutores da Bíblia segundo o Rei Tiago dizem paraíso. Mas o que é paraíso? É uma expressão moderna que não corresponde à palavra original que Jesus empregou. Procuremos o original da palavra paraíso. Seria tão fácil como encontrar uma agulha num palheiro. Aqui tendes a oportunidade para disputar, ó homens sábios. Nada há na palavra proveniente do grego, da qual essa foi traduzida, que signifique "paraíso". O que se disse, foi: "Hoje estarás comigo no mundo dos espíritos: então, explicar-te-ei todas as coisas e responder-te-ei às tuas perguntas." E Pedro disse que Jesus foi e pregou no mundo dos espíritos (aos espíritos em prisão, 1 Pedro 3:19), a fim de que aqueles que aceitassem o Evangelho, pudessem ser atendidos vicariamente pelos que vivessem na terra etc." (**Ensinamentos,** p. 301.) O Profeta declarou ainda que "tanto 'hades', do grego, como 'sheol', do hebraico, significam mundo dos espíritos. Hades, sheol, paraíso, espíritos em prisão, todos esses termos significam a mesma coisa: o mundo dos espíritos." (**Ensinamentos,** p. 302.) Esse esclarecimento do Profeta Joseph Smith ajuda-nos a compreender melhor as palavras do Salvador.

Brigham Young declarou: "Os espíritos mostram-se tão familiarizados com os espíritos, como os corpos com os corpos, embora os primeiros sejam compostos de matéria tão refinada, que não podem ser tocados por nosso organismo grosseiro"

As revelações modernas também nos ajudam a entender a natureza da existência no mundo espiritual. Uma coisa é certa, os espíritos são seres tangíveis. O Presidente Brigham Young declarou: "Os espíritos mostram-se tão familiarizados com os espíritos, como os corpos com os corpos, embora os primeiros sejam compostos de matéria tão refinada, que não podem ser tocados por nosso organismo grosseiro." (**Discourses of Brigham Young,** p. 379. Ver também D&C 131: 7-8.)

Quanto à localização do mundo espiritual, o Profeta Joseph Smith ensinou que ele está muito perto de nós. Num sermão proferido durante um funeral, declarou que os espíritos dos justos "são exaltados para realizar uma obra maior e mais gloriosa; por conseguinte, são abençoados, quando de sua partida para o mundo dos espíritos. Envoltos em chamas de fogo, não se encontram longe de nós." (**Ensinamentos,** p. 318.)

Uma irmã que visitou o mundo espiritual e foi chamada de volta à mortalidade pelo Presidente Lorenzo Snow, viveu pessoalmente o que o Profeta ensinou: "Algumas pessoas perguntaram pelos seus amigos e parentes que ficaram na terra. Entre elas se encontrava meu primo. Ele perguntou como estavam seus parentes e ficou triste ao saber que alguns haviam começado a fumar, beber e fazer muitas coisas que lhes eram prejudiciais." (LeRoi C. Snow, "Raised From the Dead," história de Ella Jensen, **Improvement Era,** outubro de 1929, p. 974.) De fato, nossos amados parentes falecidos estão grandemente preocupados com o nosso bem-estar e felicidade e podem ser designados, se necessário for, para nos trazer mensagens de advertência, censura e instrução. (Vide Joseph F. Smith, **Doutrina do Evangelho,** p. 400.)

O Presidente Young confirmou que o mundo espiritual é "aqui na terra". (**Discourses of Brigham Young,** p. 376.) Numa recente conferência geral, o Presidente Ezra Taft Benson declarou que "o mundo espiritual não está longe de nós. Muitas vezes, o véu entre esta vida e a que existe além, torna-se bastante tênue. Nossos parentes falecidos não estão longe de nós." (**Ensign,** junho de 1971, p. 33.)

Aparentemente, o mundo espiritual está incorporado ao mundo físico. A terra possui um espírito, assim como nossos corpos possuem espíritos. O Élder Parley P. Pratt escreveu que o mundo espiritual "é aqui mesmo neste planeta em que nascemos; ou, em outras palavras, a terra e outros planetas desta esfera têm suas esferas interiores ou espirituais, assim como as exteriores ou temporais. Uma é habitada por pessoas possuidoras de um tabernáculo mortal, e a outra por espíritos. Foi colocada uma barreira entre as duas esferas, através da qual todos os objetos da esfera espiritual são invisíveis às pessoas que habitam na esfera temporal." (**Key To Theology,** 9 ed. Deseret Book, 1956, p. 126-27.)

Aparentemente, as pessoas dignas que habitam o mundo espiritual, estão organizadas da mesma forma que as daqui, ou seja, em famílias e quoruns. O Sacerdócio funciona lá do mesmo modo que opera nesta vida. O Presidente Brigham Young declarou: "Quando os élderes fiéis, que possuem esse Sacerdócio, passam para o mundo espiritual, levam consigo o mesmo poder e Sacerdócio que possuíam, quando estavam no tabernáculo mortal." (**Discourses of Brigham Young,** p. 132. Ver também D&C 124:130.) Desse modo, as bênçãos do Sacerdócio também estão presentes no mundo espiritual. Um élder que passou para além do véu e voltou, esclareceu o seguinte a respeito da ordem lá observada:

"Enquanto eu me encontrava no mundo espiritual, vi que as pessoas estavam muito atarefadas e perfeitamente organizadas para o trabalho que realizavam, o qual me pareceu ser a continuidade daquele que executamos aqui — semelhante ao que fazemos indo de uma estaca para outra. Nada havia lá que me parecesse particularmente estranho, tudo se mostrava muito natural." (Peter E. Johnson, **Relief Society Magazine,** agosto de 1920, p. 455.) Ella Jensen teve uma experiência semelhante, ao visitar o mundo espiritual. O Élder Rudger Clawson, antigo membro do Conselho dos Doze, falando a respeito dela, relatou que "um guia veio recebê-la, o qual a levou para um grande edifício onde estavam reunidas inúmeras pessoas, todas as quais pareciam estar muito atarefadas. Não havia o menor sinal de indolência. (LeRoi C. Snow, **Improvement Era,** outubro de 1929, p. 977.) É possível, entretanto, que nem todos os habitantes do mundo espiritual estejam assim organizados, considerando que nem todos receberam as ordenanças necessárias à exaltação.

O Presidente George Albert Smith, após haver passado por uma experiência no mundo espiritual, descreveu parte do mundo que viu:

"Certo dia... fiquei inconsciente e senti que havia passado para o outro lado. Encontrei-me em pé, de costas para um grande e bonito lago, olhando para um enorme bosque. Não havia ninguém à vista, nem algum barco no lago ou qualquer outro meio visível que indicasse como eu havia chegado lá. Imaginei, ou pensei, que havia terminado o meu trabalho na vida mortal e tinha voltado para casa. Comecei a olhar a meu redor, para ver se podia encontrar alguém, mas não havia a menor evidência de que vivesse alguém naquele lugar. Havia apenas aquele enorme bosque à minha frente, e o grande lago atrás de mim.

"Comecei a explorar o local e encontrei um caminho no bosque, que parecia ter sido muito pouco usado e estava quase encoberto pela grama." O Presidente Smith seguiu a trilha, e depois de algum tempo, encontrou seu pai, com quem teve a oportunidade de conversar. (**Improvement Era,** março de 1947, p. 139.)

Aparentemente, não há infantes ou crianças no mundo espiritual. Todos os seus habitantes são da estatura de homens e mulheres adultos, a mesma aparência que possuíam antes de seu nascimento na vida mortal. Quando os infantes ou crianças morrem, seus espíritos imediatamente reassumem a antiga estatura adulta que possuíam na preexistência. Contudo, ao receberem de novo seu corpo na ressurreição, eles vêm naturalmente como crianças, para serem criados até alcançarem a maturidade por seus pais dignos e justos. O Presidente Joseph F. Smith explicou esse conceito da seguinte maneira:

"Os espíritos dos nossos filhos são imortais antes que venham a nós, e os seus espíritos, depois de deixarem o tabernáculo mortal, são como foram antes de virem. São como teriam aparecido, se tivessem vivido na carne para crescer para a maturidade ou para desenvolver os seus corpos físicos à completa estatura dos seus espíritos. Se vocês virem um de seus filhos que já morreu, ele talvez lhes apareça na forma em que seria facilmente reconhecido, ou seja, na forma da infância; porém, se viesse como mensageiro, trazendo alguma verdade importante, talvez viesse como o espírito do filho do Bispo Edward Hunter (que morreu quando criança) veio a ele, na estatura de um homem plenamente desenvolvido e revelou-se ao pai, dizendo: "Eu sou o seu filho."

"O Bispo Hunter não compreendeu o que estava acontecendo. Ele foi ao meu pai e perguntou: "Hyrum, o que significa isso? Sepultei meu filho, quando era ainda uma criancinha, e agora ele veio a mim como um homem plenamente desenvolvido — um jovem nobre e glorioso e declarou-se meu filho. O que significa isso?"

"Meu pai (Hyrum Smith, o Patriarca) disse-lhe que o espírito de Jesus Cristo era adulto antes que nascesse no mundo; e do mesmo modo as nossas crianças são adultas, e possuem a sua completa estatura no espírito, antes que entrem na mortalidade, a mesma estatura que possuirão depois da morte na mortalidade, e como também aparecerão depois da ressurreição, quando terão completado a sua obra." (**Doutrina do Evangelho,** p. 416-417.)

Algumas pessoas se preocupam, porque seus filhos aparentemente perderam o privilégio de passar pelas oportunidades de namoro e casamento. No entanto, as revelações concernentes ao mundo espiritual nos asseguram que o relacionamento normal que leva aos selamentos eternos continua a existir naquela vida. O Élder Melvin J. Ballard observou:

"Vós, mães, vos preocupais com vossos filhinhos (que morreram.) Não realizamos selamentos matrimoniais em benefício deles. Perdi um filho de seis anos de idade e o vi com a estatura adulta no mundo espiritual depois que morreu, e observei como pôde exercer seu livre arbítrio e que obteria por sua própria vontade uma companheira, e no devido tempo, ele e todos os que eram dignos, receberiam todas as bênçãos e privilégios de selamento da casa do Senhor. Não vos preocupeis com eles, pois estão bem.

"Portanto, qual é o estado de vossas filhas que morreram sem haverem sido seladas a algum homem?... O poder de selametno existirá para sempre na Igreja, e elas terão a devida oportunidade. Não podemos andar mais depressa do que o Senhor nos prepara os caminhos. Elas receberão suas bênçãos e privilégios no devido tempo. Por enquanto, estão bem." (Bryant S. Hinckley, **Sermons and Missionary Services of Melvin J. Ballard,** Deseret Book Company, 1949, p. 260.)

Quando Joseph Smith teve a Visão do Reino Celestial, ele viu que "todas as crianças que morreram antes de chegar à idade da responsabilidade, são salvas no reino celestial". (V. 10.) Além disso, o Presidente Joseph F. Smith explicou o seguinte:

"Joseph Smith ensinou a doutrina de que, aquele que morre quando criança, virá na ressurreição como criança; e, apontando para a mãe de uma criança sem vida, disse-lhe que ela teria a alegria, o prazer e satisfação de educar essa criança, depois da sua ressurreição, até que alcançasse a completa estatura do espírito. Existe restituição, existe crescimento, existe desenvolvimento depois da ressurreição da morte. Eu amo esta verdade. Ela traz felicidade, alegria e gratidão à minha alma. Agradeço ao Senhor por nos ter revelado esses princípios." (**Doutrina do Evangelho,** p. 417. Vide também **Ensinamentos,** pp. 192-193, 195, 358-360.) Portanto, devemos entender pelas palavras de Joseph Smith que "a única diferença entre a morte de um jovem e a de um ancião, é que um vive mais tempo no céu e na eterna luz e glória que o outro, e é liberto deste miserável mundo iníquo um pouco mais cedo. Não obstante, perdemos de vista toda essa glória por um momento e lamentamos a perda do que se foi, mas não choramos como os que se acham sem esperança." (**Ensinamentos,** p. 193.)

Isso não quer dizer que as pessoas devem estar ansiosas para deixar a mortalidade, mas sugere que os pais que perderam seus filhos, podem ser confortados pelas verdades do Evangelho. De fato, devemos empenhar-nos zelosamente em completar com êxito a missão que nos foi confiada na vida. Por exemplo, depois que Phoebe, a jovem esposa de Wilford Woodruff, morreu, ele foi inspirado a administrá-la e reprovar o poder da morte. Ele escreveu o seguinte a respeito desse incidente:

"Seu espírito voltou para o corpo, e no mesmo instante, ficou curada; e louvamos o nome de Deus e nos propusemos a confiar nele e guardar os seus mandamentos.

"Quando ocorreu esse incidente (minha esposa posteriormente relatou), seu espírito abandonou seu corpo e ela o viu deitado sobre a cama, tendo as irmãs chorando ao seu redor. Ela olhou para elas, para mim e seu filhinho, e, enquanto observava aquela cena, dois personagens entraram no quarto... Um desses mensageiros informou que ela teria a liberdade de escolher: poderia ir descansar no mundo espiritual, ou, sob uma determinada condição, ter o privilégio de voltar para o seu tabernáculo e continuar seus trabalhos sobre a terra, desde que achasse que poderia ficar ao lado de seu marido e com ele suportar até o fim todos os cuidados, provações, sofrimentos e aflições da vida que ele teria de sofrer por amor ao Evangelho. Ao ver a situação em que se encontravam seu marido e seu filho, ela disse: "Sim, eu suportarei!"

"No momento em que ela tomou aquela decisão, o poder da fé caiu sobre mim, e quando lhe administrei, seu espírito voltou novamente para o seu tabernáculo..." (**Leaves From My Journal,** 4.ª ed. The Deseret News, 1909, p. 59-60.)

O ponto de vista que os santos dos últimos dias têm a respeito do mundo espiritual, revela que lá também é feito trabalho missionário. É nele que está centralizado o programa missionário maior e mais significativo que a mente pode conceber. O Presidente Brigham Young declarou: "Comparem os habitantes da terra que já tiveram a oportunidade de ouvir o Evangelho em nossos dias com os milhões de pessoas que jamais receberam o privilégio de ouvi-lo ou de lhes serem apresentadas as chaves da salvação, e imediatamente concluirão, como eu, que existe um trabalho poderoso a ser feito no mundo espiritual." (JD, 4: 285.) Como deve ser realizado esse grande trabalho? Alguns vislumbres sublimes a respeito desse assunto foram revelados na Visão da Redenção dos Mortos, do Profeta Joseph F. Smith. (Ver especialmente os versículos 29-37.)

Quem aceitará a mensagem desse divino ministério? Joseph Smith, na Visão do Reino Celestial, nos dá a resposta. Maravilhando-se como seu falecido irmão Alvin poderia ter o direito de herdar o reino celestial, já que havia morrido antes da restauração do Evangelho, o Profeta ouviu a voz do Senhor dizer:

"Todos os que morrem sem um conhecimento deste Evangelho, que o teriam recebido se lhes fosse permitido permanecer na terra, serão herdeiros do reino celestial de Deus;

"Também todos aqueles que, deste dia em diante, morrerem sem ter tomado esse conhecimento, mas que o teriam recebido de todo o seu coração, serão herdeiros desse reino;

"Pois Eu, o Senhor, julgarei a todos os homens segundo suas obras, segundo os desejos de seus corações." (Vers. 7-9.)

Mesmo assim, esse ministério no mundo espiritual não é suficiente para que nossos amados mortos alcancem a salvação final. Por quê? Porque, para salvar um homem morto, é necessário o mesmo que é requerido de um vivo. Joseph Smith declarou que "não se pode alterar nem mudar as ordenanças que foram instituídas nos céus antes da fundação do mundo, no sacerdócio, para redimir os homens. Todos têm de ser salvos pelos mesmos princípios." (**Ensinamentos,** p. 300.) Ele declarou ainda que, "se um homem recebe a plenitude do evangelho, deve obtê-la da mesma forma que Jesus Cristo a alcançou, isto é: guardando todos os mandamentos e obedecendo a todas as ordenanças da casa do Senhor." (**Ensinamentos,** p. 300.) Isso não exclui os homens e mulheres falecidos. Podemos apenas fazer as ordenanças vicárias a seu favor. Eles precisam crer, arrepender-se e obedecer ao Evangelho por si mesmos.

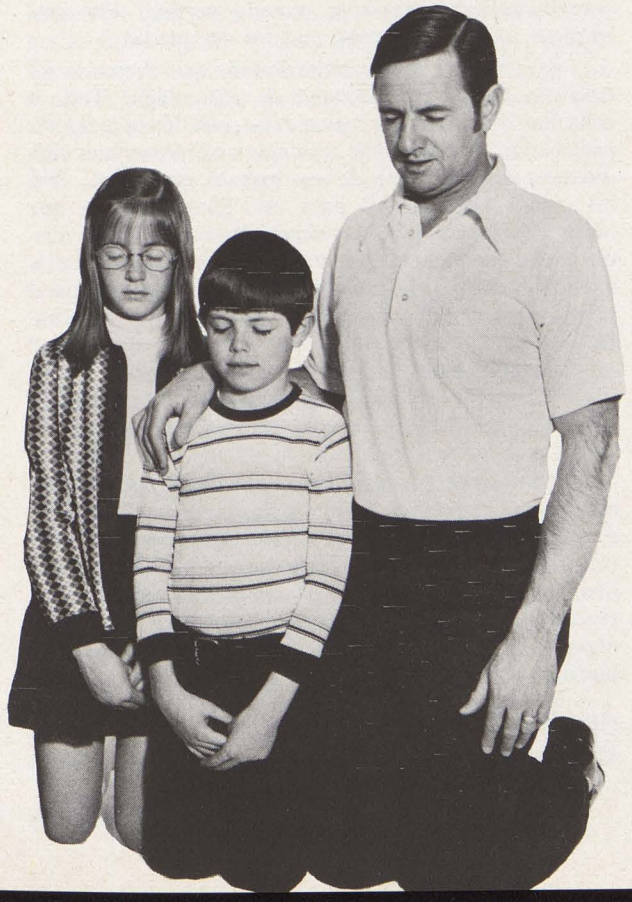
Em resumo, o mundo espiritual é o lugar para onde vão os espíritos desencarnados. É uma esfera tangível e substancial que está incorporada à nossa terra. Ele é o ponto focal de um esforço missionário maciço, do qual participamos. É um mundo que está mais perto do que podemos imaginar, unido a nós pelas linhas familiares de inúmeros parentes amados.

Dale C. Mouritsen, diretor de área dos seminários e institutos de San José, Califórnia, é presidente-sênior do quorum dos setenta da estaca de Santa Clara, Califórnia.

Como Podemos Ensinar Nossos Filhos a se Comunicarem Bilateralmente com Deus

Por Stephen R. e Sandra Covey

Condensado por Ruth May



Sandra: Quando eu era criança, a experiência com a oração que mais me impressionou foi ajoelhar-me junto com meu pai, uma irmã e um irmão mais velho, e rogar pela vida da "pequena Linda", uma das nossas irmãs gêmeas, de apenas quatro meses de vida.

Ela adoeceu durante a noite e ficou ardendo em febre. Mamãe estava no hospital com as gêmeas, e papai havia voltado depois de uma noite de vigília e tristemente nos reuniu para oferecermos uma oração.

Todos nós ficamos alarmados e um pouco inseguros ao vê-lo tão contrito e nas profundezas da humildade.

Lembro como ele implorou e rogou ao Senhor pela vida daquela criancinha, com o rosto banhado de lágrimas. Senti também que os céus se abriram para ouvir e receber suas súplicas.

Quando a pequena Linda morreu, eu soube que a resposta do Senhor havia sido negativa. Não compreendi por que, mas sabia que, de alguma forma, tudo estaria bem.

Agora que sou mãe de oito filhos, fico imaginando com que freqüência nossos filhos realmente falam com seu Pai Celestial através de oração.

Sei muito bem que não podemos esperar que eles sintam que estão falando face a face com o Senhor cada vez que oram. Mas como podemos ensinálos a serem humildes e sentirem que os céus estão abertos e que o Senhor está ouvindo em circunstâncias comuns e cotidianas? São essas as preocupações com que estamos lutando e tentando vencer.

Stephen e Sandra: Como pais, estamos convencidos de que nenhum outro tipo de atividade é tão importante para a vida como a oração eficaz. Cremos que muitos membros da Igreja têm problemas e são infelizes, porque não estão ensinando adequadamente seus filhos, e antes que possam livrar-se desses problemas, é necessário que "coloquem em ordem" seus próprios lares. Quase todos nós sabemos que isso é verdade, embora centralizemos continuamente nossa atenção nos problemas "exteriores" como o trabalho, situação financeira, designações da Igreja etc.

Em Doutrina e Convênios 93:40-50, o Senhor aconselha a Primeira Presidência (Joseph Smith, Jr., Sidney Rigdon e Frederick G. Williams) e o Bispo Presidente (Newel K. Whitney) a esse respeito. O Senhor disse o seguinte a Frederick G. Williams: "Não tens ensinado a luz e verdade aos teus filhos, de acordo com os mandamentos; e aquele ser perverso tem ainda poder sobre ti, e esta é a causa da tua aflição." O Senhor admoestou Newel K. Whitney, dizendo que "precisa ser castigado, e pôr em ordem a sua família, e ver que sejam mais diligentes e atentos em casa, e orem sempre, ou serão removidos de seu lugar". No versículo 49, o Senhor diz: "O que digo a um digo a todos; orai sempre para que o ser perverso não tenha poder sobre vós e não vos remova do vosso lugar."

COMO DEVEMOS ENSINAR

Ensinar não é apenas falar. Isso se aplica principalmente às crianças. Ensinamos nossos filhos, primeiramente dando o exemplo correto e demonstrando que os amamos; em segundo lugar, dizendo o que devem fazer. Ensinamos o que somos. A vivência do Evangelho será dez vezes mais eficaz, ao ensinarmos nossos filhos a orar do que ao pregarmos qualquer número de sermões a respeito do assunto.

As crianças aprendem a respeito do Pai Celestial através de seus pais. Se elas têm um relacionamento honesto e franco com seus pais terrenos, esperam ter o mesmo tipo de relacionamento com seu Pai Celestial. Temos observado nos missionários, alunos e investigadores, que, se os pais são descorteses e hipócritas, seus filhos terão a tendência de não confiar em seu Pai Celestial. Se as crianças temem ser francas e sinceras com seus pais, porque recebem deles respostas agressivas e iradas, elas aprenderão a não serem francas e sinceras ao orarem a Deus.

As crianças estão constantemente investigando nossas vidas, para julgarem através de nosso exemplo, se o Evangelho é verdadeiro. Algumas vezes, elas ima-

ginam: "Não me importo o quanto você sabe sobre a oração até que eu saiba o quanto se importa comigo." Novamente, nesse caso, a chave é ensiná-las por meio do exemplo e amor sem condições, reforçado pelo ensinamento verbal.

Diferentes Níveis de Oração

Assim como existem meios diferentes pelos quais falamos com outras pessoas, também diferem as maneiras pelas quais oramos a nosso Pai Celestial, e algumas são mais eficazes e satisfatórias do que outras. Para ilustrar esse ponto, selecionamos os seguintes níveis de oração para estudo: aprender os quatro passos da oração, falar sinceramente com o Pai Celestial e falar **com o Pai Celestial** — ouvindo e respondendo.

1. **Aprender os quatro passos da oração:** Ensinamos nossos filhos a "dizer" suas orações. Eles "dizem" suas orações, quando se levantam e ao irem deitar-se, talvez ajoelhando-se ao lado de seus pais. Isso é um bom começo. Eles estão aprendendo o hábito mais básico da vida espiritual. Precisamos ensinar a nossos filhos o que os missionários ensinam aos investigadores — os quatro passos da oração: a. "Nosso Pai Celestial..." b. "Agradecemos-te..." c. "Pedimos-te..." d. "Em nome de Jesus Cristo, Amém."

2. **Falar Sinceramente com o Pai Celestial.** Se formos pais bondosos e pacientes, podemos ensinar um nível mais elevado de oração a nossos filhos. Podemos ensiná-los a orar com o coração, ao invés de apenas repetirem as mesmas palavras em todas as orações, como se estivessem lendo uma espécie de lista.

Achamos proveitosas as seguintes idéias ou maneiras de expressar-se, para ensinarmos nossos filhos a orarem com o coração:

a. Pensar durante alguns minutos sobre a quem estamos orando e por quê. Precisamos fazer uma pausa para nos tornarmos mais calmos e tranqüilos interiormente.

b. Geralmente cantamos um hino antes da oração familiar, como por exemplo, "Ó Doce e Grata Oração", "Careço de Jesus" ou "Com Amor no Lar."

c. Costumamos verificar com cada membro da família que compõe o círculo de oração, se tem qualquer necessidade ou bênçãos que gostariam de que lembrássem na oração.

d. Freqüentemente dizemos à criança, um pouco antes da invocação: "Pense naquilo que está em seu coração e diga a seu Pai Celestial."

e. De maneira apropriada, elogiamos nossos filhos pela oração sincera que fizeram. "O Pai Celestial fica contente, quando dizem a ele o que sentem."

f. Deixamos nossos filhos verem e ouvirem como as nossas próprias orações muitas vezes têm um propósito especial. Algumas orações podem ser compostas de algumas sentenças, ou de apenas uma: "Por favor, ajude-nos, querido Deus."

g. Quando notamos que as crianças estão repetindo a mesma coisa em cada oração e não meditam sobre o que estão dizendo, fazemos um grande esforço para ajudá-las a perderem esse hábito. Tentamos ensiná-las que podem orar em qualquer parte e a qualquer hora.

h. Após a oração familiar, pode ser apropriado permanecerem ajoelhados para fazerem as orações pessoais, como é comum entre os missionários.

i. Freqüentemente, tentamos ensinar nossos filhos a orarem, pensando no que necessitam, e não no que desejam. O que é melhor para o meu caráter, desenvolvimento e crescimento espiritual, mesmo que não seja uma experiência agradável para mim? O Senhor sabe o de que precisamos — nós sabemos o que queremos.

O Senhor está constantemente tratando com seus filhos em termos do que necessitam, e não do que desejam. Essa é uma doutrina bastante dura para qualquer um de nós, e foi especialmente difícil para a nossa filha menor. Uma das mais importantes necessidades de sua vida parecia a de ser eleita para ocupar uma posição de liderança em seu colégio. Ela havia-se esforçado, preparando-se duramente durante muitos meses. "Oh, mamãe, estou orando tanto para vencer. O Senhor diz que podemos pedir qualquer desejo digno de nosso coração. E esse é o meu." Parecia um pedido razoável também para nós. Ela possuía um testemunho do Evangelho e era socialmente popular num grande colégio. Pensávamos que, se ela vencesse, seria uma boa influência para a Igreja.

Quando chegou finalmente o dia da eleição, parecia certo que ela seria uma das vencedoras. Ela ficou verdadeiramente arrasada, quando perdeu! Foi uma pequena margem de votos, mas foi derrotada!

No mês seguinte, solicitaram-lhe que aceitasse ser uma das líderes do seminário de seu colégio. Todo o conselho do seminário havia feito sacrifícios pessoais para servir. O presidente teve que abandonar sua candidatura à presidência de seu grêmio estudantil; essa foi uma decisão difícil para ele. Eles disseram que realmente precisavam da criatividade e talentos missionários que nossa filha possuía para atrair as pessoas, pois aquele era um ano muito importante para o progresso e desenvolvimento do programa do seminário.

Naquele ano, ela teve muitas experiências espirituais. Desenvolveu amizades profundas e significativas e foi muito útil para reativar diversas pessoas na Igreja.

Mais tarde, ela me disse que começou gradualmente a compreender a si mesma através da oração e estudo das Escrituras. "Desejava ganhar aquela eleição mais do que tudo na vida, porém o Senhor sabia que eu necessitava mais dessa outra experiência. Precisava obter maior crescimento espiritual. Foi uma experiência difícil, mas sei de todo o meu coração que foi a mais correta."

3. **Falar com Deus — ouvir e responder.** NUMA ORAÇÃO BILATERAL, OUVIMOS E RESPONDEMOS ao que ouvimos. Em muitas de nossas orações

unilaterais, erroneamente aconselhamos ao Senhor, procurando dirigi-lo pelos céus e a terra, dizendo-lhe a quem e como deve abençoar.

a. **Ajudem as crianças a compreenderem como devem ouvir a voz do Senhor.** Precisamos criar expectativas acuradas na mente de nossos filhos a respeito de como o Senhor nos fala, para que possam reconhecer sua voz e sentir satisfação quando a ouvirem (perceberem, sentirem.) A oração se tornará profundamente significativa e satisfatória.

Precisamos ensinar nossos filhos que o Senhor nos fala de muitas maneiras; através de sua voz suave e mansa, ou por intermédio de seus profetas, antigos (Escrituras) e modernos (conferências, escritos).

O Presidente David O. McKay ensinou que, aos membros da Igreja que não estão na linha do dever, o Espírito Santo normalmente fala através da consciência. O Élder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze, falando a um grupo de funcionários do Seminário e Instituto, usou certa vez uma analogia, sugerindo que o transmissor de rádio é o Espírito Santo, nós somos os receptores e o Espírito de Cristo as ondas hertzianas.

Stephen: Certa vez, quando falei num devocional do Ricks College a respeito de ouvir as respostas de nossas orações, uma jovem se aproximou de mim e perguntou: "Irmão Covey, como posso realmente saber que Deus está respondendo à minha oração? Talvez seja o meu próprio desejo e anseio que sinto ardentemente em mim, e quero que seja a resposta de Deus."

Certa ocasião, eu estava ensinando nossa filha Maria a ouvir as respostas de suas orações. "Meu bem, escute em sua oração a sua consciência. Então, seja suscetível que sente e perceba." Ela perguntou como podia fazer aquilo. Sugeri que toda vez que ela pedisse uma determinada bênção, perguntasse a si mesma se havia feito tudo o que era possível para merecê-la." (E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia. (D&C 130:21.) Assim, o Senhor falará ao seu coração através da sua consciência.

Maria seguiu o meu conselho e disse que não recebera nenhuma orientação nova nessa experiência, pois "já sabia o que devia fazer". Perguntei-lhe como obtivera aquele conhecimento, e ela respondeu que fora em "sua aula da Escola Dominical". Salientei que aquela Organização era parte do reino do Senhor, e que os princípios verdadeiros que nela havia aprendido estavam profundamente gravados em seu coração e mente.

O Espírito Santo nos faz recordar esses princípios, quando precisamos deles para enfrentar as necessidades de cada situação. "Pois eis que vos digo novamente que, se entrardes pelo caminho e receberdes o Espírito Santo, ele vos mostrará tudo o que deveis fazer." (2 Néfi 32:5.)

b. **Atendendo à voz do Senhor.** Estamos tentando ensinar nossos filhos a viverem sua vida de acordo com os ditames de sua consciência, a fazerem as perguntas básicas e ouvirem as respostas do Senhor, tais como: "Que preciso fazer para estar mais perto de Deus?" Como posso ser um membro melhor da Igreja? Como posso preparar-me melhor para a minha missão? Como posso ser um aluno melhor?"

Encorajamos nossos filhos a buscarem primeiramente o Espírito Santo, pedindo-o e permitindo que ele guie suas expressões e atos.

Estamos tentando ensiná-los continuamente a ganharem mais luz e conhecimento, prestando mais atenção às reuniões da Igreja e estudando as Escrituras — realmente festejando as palavras e o amor de Jesus Cristo. Então o Espírito Santo trará o princípio à sua lembrança, para guiar e orientar os seus caminhos. Estamos encorajando nossos filhos a memorizarem muitas passagens importantes das Escrituras, que estão repletas de sabedoria concernente às suas oportunidades e desafios atuais, e as examinamos durante a reunião familiar.

Procuramos ensiná-los que não recebemos mais luz e conhecimento, até que sejamos verdadeiros à luz e conhecimento já recebidos. Em outras palavras, apenas obedeçamos às nossas consciências, e se necessitarmos mais, o Senhor nos dará conhecimento adicional em sua própria maneira e tempo, e não na nossa.

Quando um indivíduo descobre a possibilidade que tem de ter um relacionamento significativo com seu Pai Celestial, ao aprender o significado especial de falar **com** Deus e não **para** Deus, ele nunca mais será a mesma pessoa. Todas as coisas, inclusive relacionamentos pessoais, modificam-se e tornam-se infinitamente mais vívidos e bonitos.

"Qual é a coisa mais importante que aprendeu em sua vida?" perguntamos à nossa filha Cynthia, no dia em que completou dezoito anos de idade. Sem hesitar, ela respondeu seriamente: "Construir minha vida em Jesus Cristo. Colocar toda a minha fé e confiança nele, receber o seu poder, depender de meu relacionamento com ele para superar os sonhos desfeitos, desapontamentos e desilusões. Ele me dá a segurança de que necessito e me ajuda a compreender e saber quem realmente sou, não o que as outras pessoas dizem que sou."

Naquele instante, sentimo-nos muito bem recompensados, aliviados e um tanto atônitos, ao saber que, afinal de contas, algumas coisas estavam produzindo bons frutos.

Mas o teste final ainda não terminou. Nós também temos algumas desilusões. Não é fácil. É uma luta contínua, um esforço constante. Mas nos sentimos muito encorajados por saber que é a lei, e não a sorte que governa, e que podemos obedecer à lei, se assim o quisermos.

Em resumo, descobrimos que nossos esforços produzem bons resultados, ao ensinarmos nossos filhos a falarem com o Pai Celestial e ouvirem suas respostas, de acordo com a maneira como vivemos e oramos nesse nível.

Somos muito gratos ao Senhor por sua paciência e longanimidade e pelas oportunidades que nos tem oferecido. Pretendemos continuar tentando ouvir, comprometer-nos, obedecer e ensinar.

Duas Mil Pessoas Estão Orando por Você

Lyn Niemeyer

Na ala infantil do Hospital Austin, de Vitória, Austrália, Mathew, de cinco anos de idade, praticava exercícios físicos até ficar exausto. Ao notar sua firme determinação, a enfermeira mal pôde conter as lágrimas e o fisioterapeuta sentiu-se tão encorajado, que fez uma bengala especial para o garoto. Dentro de alguns dias, ele nos mostrou orgulhosamente que podia andar com o auxílio da "varinha mágica".

Isso ocorreu em abril de 1975, apenas dez dias depois que nosso menino foi tão gravemente atropelado por um carro, a ponto de perder um pedaço do crânio medindo 11x6 cm e mais do que a quantidade crítica de sangue, antes que pudesse ser levado ao hospital. Não me deixaram vê-lo depois do acidente, e estou feliz por terem tomado essa decisão, pois me lembro de haver gritado desesperadamente ao voltar para meu quarto, onde me ajoelhei, implorando ao Pai Celestial: "Senhor, não o leve ainda, por favor, não o leve agora."

Para aumentar a tensão, o primeiro hospital onde chegamos nos enviou para outro, onde meu filho poderia receber tratamento especializado. Na ambulância, o médico nos disse que havia pouca esperança de que Mathew se salvasse, e que, caso sobrevivesse, era provável que se tornasse defeituoso física e mentalmente o resto de sua vida. Orei silenciosamente para que ele morresse antes que isso visse a acontecer. Então notei que em todos os cruzamentos, os policiais estavam contendo o tráfego, para que meu filhinho chegasse ao hospital o mais rápido possível, e me senti um tanto envergonhada por ter sucumbido momentaneamente, enquanto outras pessoas continuavam lutando por sua vida. Ele parou de respirar diversas vezes, e senti que o mesmo acontecia comigo.

Meu marido e um amigo seu chegaram a tempo de tocar as faces de Mathew e administrá-lo — pois não podiam colocar as mãos em sua cabeça — e sentiram-se espiritualmente confiantes: a vida do menino estava nas mãos do Senhor. John e eu caminhamos de um lado para outro durante as angustiosas horas que se seguiram, falando e orando. Após havermos proferido algumas orações inseguras, finalmente nos sentimos em condição de entregar nosso filho ao Senhor. Então, ambos sentimos uma silenciosa certeza de que, ou a vida de Mathew seria levada, ou ele sararia completamente.

Como nos sentimos aliviados, quando o médico finalmente apareceu e disse que a operação correra melhor do que esperava: O cérebro não fora afetado como pensavam; e ele repetiu duas vezes: "Isso foi um dom de Deus." Nós sabíamos que ele tinha razão.

Mathew recobrou a consciência quatro dias depois, e após mais três dias, foi removido para a ala infantil do hospital, com o lado esquerdo paralisado e cego do olho esquerdo. Mas, graças ao Senhor, estava em pleno uso de suas faculdades mentais. Com lágrimas nos olhos e com a face distorcida pela paralisia, ele disse: "Nunca mais poderei andar novamente, não é mesmo?" Corajosamente, eu respondi: "Claro que poderá! Mais de 2 000 pessoas estão jejuando e orando por você." Ele pareceu um tanto surpreso com minha explosão de otimismo, e depois sorriu: "É verdade, mamãe?" perguntou.

Daquele momento em diante, nada deteria Mathew em seu esforço de ficar novamente em pé. Se eu tinha alguma dúvida a respeito do poder da oração, o mesmo não acontecia com meu filho. Ele tinha uma grande responsabilidade para com aquelas pessoas, e não as desapontaria. Mathew, que sempre fora um menino teimoso por natureza — embora um pouco tímido — demonstrou uma grande persistência que o manteve com bom ânimo ao exercitar-se dariamente até o limite de suas forças.

Para dizer a verdade, seu pai e eu nos surpreendemos com o interesse que tantas pessoas demonstraram. Consegui telefonar para alguns amigos depois que ocorreu o acidente e solicitei que orassem por nós. Uma estimada amiga da Nova Zelândia, oficiante do templo, colocou os nossos nomes na lista de oração do templo, sem ao menos saber por quê. Ela não poderia ter sabido que, enquanto eu estava sentada aguardando notícias da operação de Mathew, havia orado para que fizesse exatamente aquilo. A ala convocou um dia especial de jejum, e quando a notícia chegou ao conhecimento da estaca, todos os membros jejuaram e oraram. O quanto nos sentimos gratos, quando soubemos que também a Igreja Metodista e a Igreja Anglicana fizeram cultos de oração especiais para Mathew!



Inacreditavelmente, Mathew voltou para casa três semanas depois do acidente, do qual parecia impossível que um dia se recuperasse! Sua visão havia voltado, sua face ficou normal e agora estava-se esforçando duramente para vencer o único sinal de paralisia que estava em sua mão esquerda. (Disseram-nos que ele teria que ficar hospitalizado durante seis meses!)

Mas o trauma ainda não havia terminado. Duas costelas tiveram que ser removidas e enxertadas no crânio de Mathew, para cobrir o cérebro exposto, que podíamos ver pulsando através das ataduras que lhe cobriam a cabeça. Na véspera da operação de três horas, que foi feita na segunda quinzena de junho, não pude deixar de preocupar-me. Disse a Mathew o quanto o amávamos, e ele, com grande surpresa e segurança, respondeu: "Vocês sabem muito bem que não vou partir. Eu voltarei." Naquele momento, todos os meus temores se dissiparam, e eu soube que tudo correria bem.

Nossa ala jejuou e orou novamente, e de novo os médicos ficaram abismados com a rapidez da recuperação e o bom espírito daquele menino. Raras pessoas conseguiram sobreviver após haverem perdido um pedaço tão grande do crânio, disse o médico, mas eles mandaram Mathew para casa dentro de sete dias, porque ele estava brincando de se esconder com as crianças embaixo da cama, e tinham medo de que ele batesse a cabeça. No final de junho, ele era o retrato da saúde e já estava colocando em dia os seus trabalhos escolares.

Pode a vida de alguém tão gravemente ferido ser poupada e recuperar a saúde através do jejum e oração? Sim! Nós sabemos que isso pode acontecer e acontece. Mathew esforçou-se muito para se restabelecer, disse ele, "porque meu paizinho me administrou e eu sabia que tinha que ficar melhor". Essa foi a sua real motivação, e também o fato de saber que todas as pessoas estavam orando por ele.

Em setembro, quando nossa família foi designada para fazer uma apresentação familiar na Escola Dominical, nós sabíamos que os irmãos mais velhos de Mathew iriam participar, mas duvidávamos muito que nosso acanhado filhinho pudesse. Porém Mathew entrou em seu quarto e preparou secretamente um pequeno discurso. Quando ele ficou em pé diante dos membros da ala, fazendo longas pausas entre as frases, prestou o seguinte testemunho:

"Quando me acidentei — fui levado para o hospital — e os médicos pensaram que eu ia morrer — papai me administrou — **e agora, já sarei!**"

Essa é a fé que nosso Mathew possui.

Lyn Niemeyer é membro da ala de Croyden, estaca de Moorabbin Melbourne, Austrália, onde serve como líder de refinamento cultural da Sociedade de Socorro da estaca.

Tendo Fome, Sede e Ensinando

Por Theo E. McKean

No segundo artigo desta série, apareceu a seguinte declaração:

"Um professor do Evangelho tem o melhor companheiro possível, o Espírito Santo, e um fato bastante confortador é que podemos sempre esperar que ele faça a sua parte. O desafio é nosso. Que podemos fazer para nos qualificarmos? ("Preparação para Ensino em Grupo", A Liahona, maio de 1977.)

Aquele artigo abordou algumas qualidades que o professor precisa ter, e este tratará da necessidade de o aluno procurar — ter fome e sede — das coisas do espírito, para que o processo de ensino/aprendizado possa funcionar devidamente. (Vide o gráfico de "Relacionamentos Entre o Ensino e o Aprendizado", A Liahona, abril de 1977.)

"Se desejarmos que o ensino seja eficaz, devemos aproveitar a vontade que o aluno tem de aprender." (Boyd K. Packer, **Teach Ye Diligently,** p. 107. Para maior informação a respeito deste assunto, vide o artigo "Sereis Ensinados, Quer Estejais Preparados ou Não", nesta mesma revista.)

Os professores não podem derramar o conhecimento e compreensão dentro de seus alunos, podem apenas ofere-



cê-lo. Eles têm a responsabilidade de apresentá-lo da maneira mais oportuna, apropriada e agradável possível. Para que os alunos obtenham conhecimento, é necessário (1) que sintam o desejo de obtê-lo, (2) que tomem as providências necessárias para consegui-lo, e (3) abram seus corações para recebê-lo.

Muitas vezes encontramos alunos que, por algum motivo, não procuram obter conhecimento espiritual. Quando isto ocorre, nós, na posição de professores, temos a responsabilidade de despertar neles esse desejo. Como podemos fazer isso? Qual é a força que motiva uma pessoa a procurar obter conhecimento espiritual?

Um fator digno a considerar é a preparação espiritual. Os missionários muitas vezes precisam pesquisar arduamente para encontrar as pessoas que têm o desejo de ouvir a sua mensagem, porque existem poucos que estão espiritualmente preparados para recebê-la.

Para nós, que ensinamos o Evangelho em nossos lares e na Igreja, essa tarefa deve ser idealmente mais fácil. Freqüentemente ensinamos pessoas que já tiveram experiências espirituais em que responderam à voz do Espírito. Algumas delas, naturalmente, foram mais receptivas que outras. Não devemos esquecer, entretanto, que nossos alunos são um grupo escolhido de filhos de nosso Pai Celestial.

Certa ocasião, o Presidente J. Reuben Clark, Jr., da Primeira Presidência, já falecido, definiu claramente a atitude que nós, os professores, devemos ter para com a juventude SUD. Ele declarou que "a juventude da Igreja, seus alunos, são, em sua maioria, sadios de pensamento e de espírito...

"Eles estão famintos das coisas espirituais e ansiosos de aprender o Evangelho, e querem recebê-lo puro e não diluído...

"Esses alunos almejam ter a fé que seus pais e mães têm; querem-na em sua simplicidade e pureza... Esses alunos têm fome e sede,... de um testemunho das coisas do espírito... sentem, pelo espírito que possuem, que o testemunho que procuram é elaborado e nutrido pelo testemunho de outros... Esses alunos estão-se esforçando espiritualmente para atingir a maturidade, e logo a alcançarão, caso se nutram com o alimento correto." **(The Charted Course in Education,** p. 4-6.)

OS ALUNOS POSSUEM O ESPÍRITO SANTO

As pessoas que foram batizadas, já têm acesso aos dons do Espírito Santo. Na Igreja e em nossos lares, os professores e alunos, pais e filhos, partilham todos da promessa de que "Pelo Santo Espírito, sim, pelo inexprimível dom do Espírito Santo, Deus vos dará conhecimento." (D&C 121:26.)

Essa fonte interior de luz e verdade que os alunos possuem jamais deve ser ignorada por nós que os ensinamos. Devemos certificar-nos de que estamos em sintonia com o Espírito Santo, ao ensinarmos e termos fé que ele tocará os corações dos alunos que ouvem os nossos ensinamentos. Lembrem-se de que é o Espírito Santo quem "leva as suas palavras aos corações dos filhos dos homens." (2 Néfi 33:1.)

UMA FONTE DE ÁGUA VIVA

Geralmente nossos alunos estão sedentos de água espiritual, e se os orientarmos para Deus, o que ele lhes dará será como uma fonte jorrando dentro deles.

Jesus declarou à samaritana que estava junto à fonte: "Se tu conheceras **o dom de Deus,** e quem é o que te diz — Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.

"Qualquer que beber desta água (do poço) tornará a ter sede;

"Mas aquele que beber da água que eu lhe der, nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte d'água que salte para a vida eterna." (João 4:10, 13, 14, itálicos adicionados.)

Quando os alunos obedecem às verdades que aprenderam através do Espírito, a água viva continuará a jorrar. "Mas ao que guarda os meus mandamentos, eu darei os mistérios do meu reino, e isso lhe será como uma fonte de água viva, vertendo para a vida eterna." (D&C 63:23.)

E novamente o Senhor disse: "Se pedires, receberás revelação sobre revelação, conhecimento sobre conhecimento, para que possas conhecer os mistérios e as coisas pacíficas — aquilo que traz alegria, que traz vida eterna." (D&C 42:61.)

O Senhor disse ainda: "Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida." (Apocalipse 22:17.)

CONVIDAR É MELHOR DO QUE COMPELIR

É interessante observar que as pessoas que desejarem vir a Cristo, devem partilhar da água da vida **de graça.** O aluno não apenas deve ter a liberdade de partilhar dela em abundância, mas também fazê-lo espontaneamente. O Senhor nos disse, através do Profeta Joseph Smith: "Sim, **se quiserem fazê-lo, poderão vir** e tomar livremente das águas da vida." (D&C 10:66, itálicos adicionados.)

Os professores não devem compelir os alunos a aprenderem. Alma aconselhou seu filho Corianton da seguinte maneira: "Eis porque, meu filho, todo aquele que quiser pode vir e partilhar livremente das águas da vida; e aquele que não quiser, não será obrigado a vir, porém no dia do juízo, lhe será restaurado de acordo com suas ações." (Alma 42:27.)

Tudo o que o professor faz, deve ser convidativo para o aluno. Alma aconselhou novamente: "Eis que ele envia um **convite** a todos os homens, pois que seus braços de misericórdia estão estendidos para eles, e diz: Arrependei-vos e eu vos receberei;

"Sim, diz ele, vinde a mim e participai do fruto da árvore da vida; sim, comereis e bebereis livremente do pão e da água da vida." (Alma 5:33-34, itálicos adicionados.)

Considerando que nós, os professores, devemos convidar e não compelir, a natureza de nosso convite se torna ainda mais importante, especialmente quando o aluno não está procurando obter conhecimento como devia. Nossa mensagem deve ser tanto convidativa como sedutora.

Morôni, citando as palavras de seu pai, disse o seguinte: "Mas eis que aquilo que é de Deus convida e incita continuamente ao bem; portanto, tudo o que incita e instiga a fazer bem, e a amar e servir a Deus, é inspirado por Deus." (Morôni 7:13.)

Não podemos forçar uma criança a aprender, mas sim despertar o desejo dentro de si, tornando as coisas que ensinamos mais interessantes e valiosas para ela. Nossos ensinamentos devem ser temperados com coisas interessantes para os nossos alunos, da mesma forma que nossos alimentos devem ser condimentados com temperos saborosos e agradáveis ao paladar. O Apóstolo Paulo declarou: "A **vossa palavra seja** sempre agradável, **temperada com sal,** para que saibais

como vos convém responder a cada um." (Colossenses 4:6, itálicos adicionados.)

Quando somos cheios do Espírito Santo e deixamos que ele nos guie quando ensinamos os outros, ele jorra de nós para os nossos alunos como o fogo se espalha por uma encosta coberta de arbustos secos.

Todavia, tentar ensinar sem ter o Espírito Santo para animar o professor e estimular o aluno, é o mesmo que malhar em ferro frio com um malho de borracha. Nada há que aqueça o espírito do homem e o faça achegar-se mais a Deus do que o fogo do Espírito Santo. Se não o possuímos, jamais devemos ensinar. Se tentássemos fazê-lo, seríamos como o sal que perdeu o sabor, e nossos esforços no sentido de ensinar o Evangelho já não seriam mais eficazes.

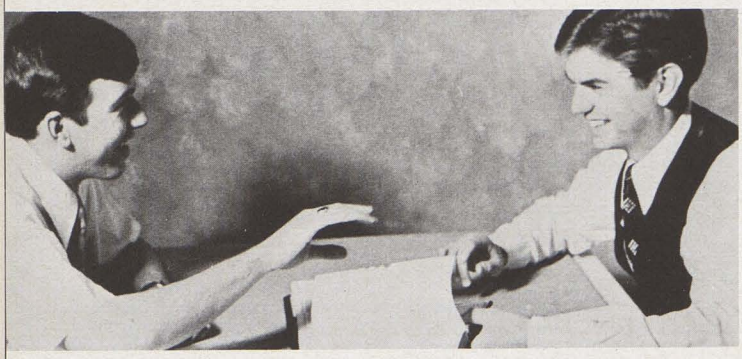
O Senhor declarou a nós que vivemos nos dias atuais: "Quando homens são chamados ao meu Evangelho eterno, e fazem um convênio eterno, **são considerados como o sal da terra** e o sabor dos homens.

"São chamados para ser o sabor dos homens; portanto, **se aquele sal da terra perder o seu sabor, eis que dali em diante para nada mais serve,** senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens." (D&C 101:40, itálicos adicionados.)

Ele declarou ainda: "Mas se (os de meu povo) não guardarem os meus mandamentos, e não atenderem e observarem todas as minhas palavras, os reinos do mundo prevalecerão contra eles.

"Pois eles foram estabelecidos para ser a luz do mundo, e os salvadores dos homens;

"E, se não forem salvadores dos homens, serão como o sal que perdeu o seu sabor, e para nada mais serve senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens." (D&C 103: 9-10.)





Quando ensinamos pelo Espírito, nos tornamos a "luz" (Mateus 5:14-16), o "lêvedo" (Lucas 13:20-21), e o "sal" que estimulará nossos alunos a terem sede do Evangelho. Como professores, todavia, podemos não ser nenhuma dessas coisas para nossos alunos, se não possuirmos o Espírito Santo. Como Paulo admoestou a seu aluno, Timóteo, "despertes o dom de Deus que existe em ti pela imposição das minhas mãos." (2 Timóteo 1:6), da mesma forma precisamos admoestar os que estão aos nossos cuidados a cultivarem o dom que lhes foi dado por ocasião de seu próprio batismo.

A IMPORTÂNCIA DA ATITUDE DO PROFESSOR

Uma coisa importante que devemos lembrar é que a atitude que temos para com os alunos e seu apetite pela verdade têm muito que ver com a maneira como os ensinamos.

Se não confiarmos no desejo de estudar que eles possuem, nossos ensinamentos freqüentemente enfraquecerão ou se tornarão simples demais e espiritualmente pouco edificantes. Na realidade, o aluno pode estar pedindo pão e nós, inadvertidamente, lhe damos uma pedra." (Ver Mateus 7:9.)

Se tivermos fé no desempenho do aluno, e o considerarmos um filho de Deus, cujo espírito interior está procurando uma oportunidade para renovar e expandir o conhecimento que outrora teve, quando ainda estava na presença do Pai, então nos apressaremos a proporcionar-lhe o pão da vida e guiá-lo à fonte de água viva.

Nossos alunos podem discernir prontamente o tipo de atitude que temos para com eles. Irradiamos essas attiudes através de nossos gestos e palavras. Eles logo descobrem o quanto temos fé e confiamos neles. Eles sabem o quanto nos importamos com eles e sentem o nosso amor ou a ausência dele. Freqüentemente, seu entusiasmo inicial pelo Evangelho depende muito do nosso.

Consideram a seguinte passagem do Velho Testamento que relata a ocasião em que Moisés enviou espias para a terra de Canaã, a fim de que os filhos de Israel soubessem o que os esperava, quando entrassem naquela terra. Ao voltarem, os espias relataram que a terra manava "leite e mel", mas o povo era "forte" e as cidades eram rodeadas de "muralhas." (Números 13:27-28.)

Dez dos doze espias demonstraram uma atitude **temerosa,** dizendo: "Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós." (Vers. 31.) O efeito de sua total descrença em serem capazes de realizar o que o Senhor havia mandado, evidenciou-se na seguinte declaração: "Éramos aos **nossos olhos** como gafanhotos, assim também éramos a **seus olhos.** (Vers. 33, itálicos adicionados.)

Somente dois entre os doze espias, Caleb e Josué, tiveram uma atitude **confiante.** Foi Caleb quem disse: "Subamos animosamente, e possuamo-lo em herança; porque certamente prevaleceremos contra ela." (Vers. 30.) A declaração conclusiva de Caleb e Josué foi muito simples: "O Senhor é conosco; não temais." (Números 14:9.)

Quais dos espias seriam bons mestres? Caleb e Josué aceitaram as designações do Senhor com uma atitude confiante. Como Néfi, eles também diriam: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7.)

O Senhor nos ajudará a ensinar e também auxiliará nossos alunos a aprenderem. Seremos bem sucedidos, se trabalharmos junto com ele.

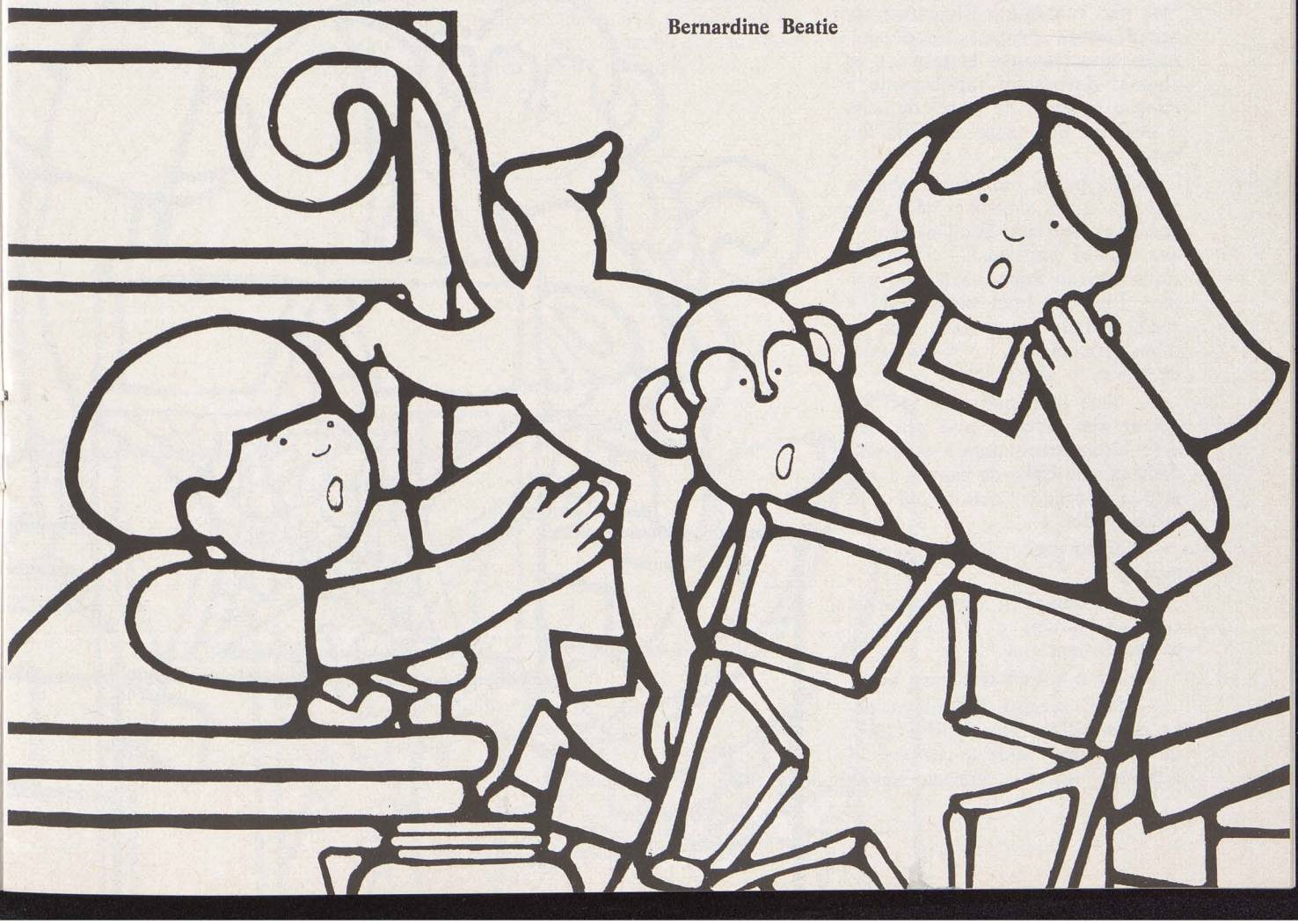
O MILAGRE DA LANTERNA

Bernardine Beatie

Rosita cortou o triângulo final de um pedaço de papel amarelo de seda e colou-o cuidadosamente na armação de bambu em forma de estrela. "Pronto. Terminei a lanterna!" disse ela, toda satisfeita. Então acendeu um pequeno pedaço de vela, colocou-o num recipiente no interior da lanterna e deu um passo para trás, para admirá-la melhor.

— Está linda! exclamou Rosita.

Dentro de dois dias, seria o Natal, uma ocasião muito feliz na aldeia filipina onde vivia. Ela acordaria com o repicar dos sinos e ao som das vozes dos aldeões alardeando por toda parte: "Feliz Natal!" Então, depois de ir à Igreja, Rosita e seus amigos iriam de casa em casa, cantando hinos. Depois, as crianças das aldeias vizinhas se visitariam para encenar peças sobre o nascimento de Jesus. Mas o



melhor de tudo seria a parada de lanternas.

Na noite do Natal, as crianças de muitas vilas filipinas acendem as lanternas que confeccionaram e formam um cortejo pelas ruas. As melhores lanternas recebem um prêmio, e o que seria dado na vila de Rosita era uma viagem a Manila, capital do país, junto com sua professora.

— Creio que posso vencer! murmurou Rosita, e toda feliz, fechou os olhos e imaginou a si mesma caminhando pelas ruas daquela grande cidade, que visitaria pela primeira vez. Como se sentiria adulta em seu vestido novo de Natal!

O som dos passos de seu irmão Juan, que vinha subindo a escada com sua muleta, trouxe Rosita de volta à realidade.

— Não, Pepe, não! — Rosita ouviu Juan dizer ao seu macaquinho. Mas Pepe já estava entrando pela janela aberta que ficava acima da mesa onde ela estivera trabalhando. Rosita tentou pegá-lo, mas não conseguiu. Ele pulou sobre a mesa, e suas patas desajeitadas derrubaram a lanterna, e as chamas devoraram rapidamente a criação artística de papel de seda e madeira que tanto trabalho lhe dera.

Rosita pegou um pano e abafou o fogo, e ao terminar, não pôde conter as lágrimas. Sua lanterna — sua bonita lanterna — havia-se transformado num montão de ruínas! Ela viu Juan observando a cena, parado na porta, com os olhos arregalados, o macaquinho agarrado ao seu pescoço.

— Veja só o que você fez! — gritou ela. Você e esse seu macaco idiota arruinaram a oportunidade que eu tinha de ganhar a viagem a Manila, o maior sonho de minha vida!

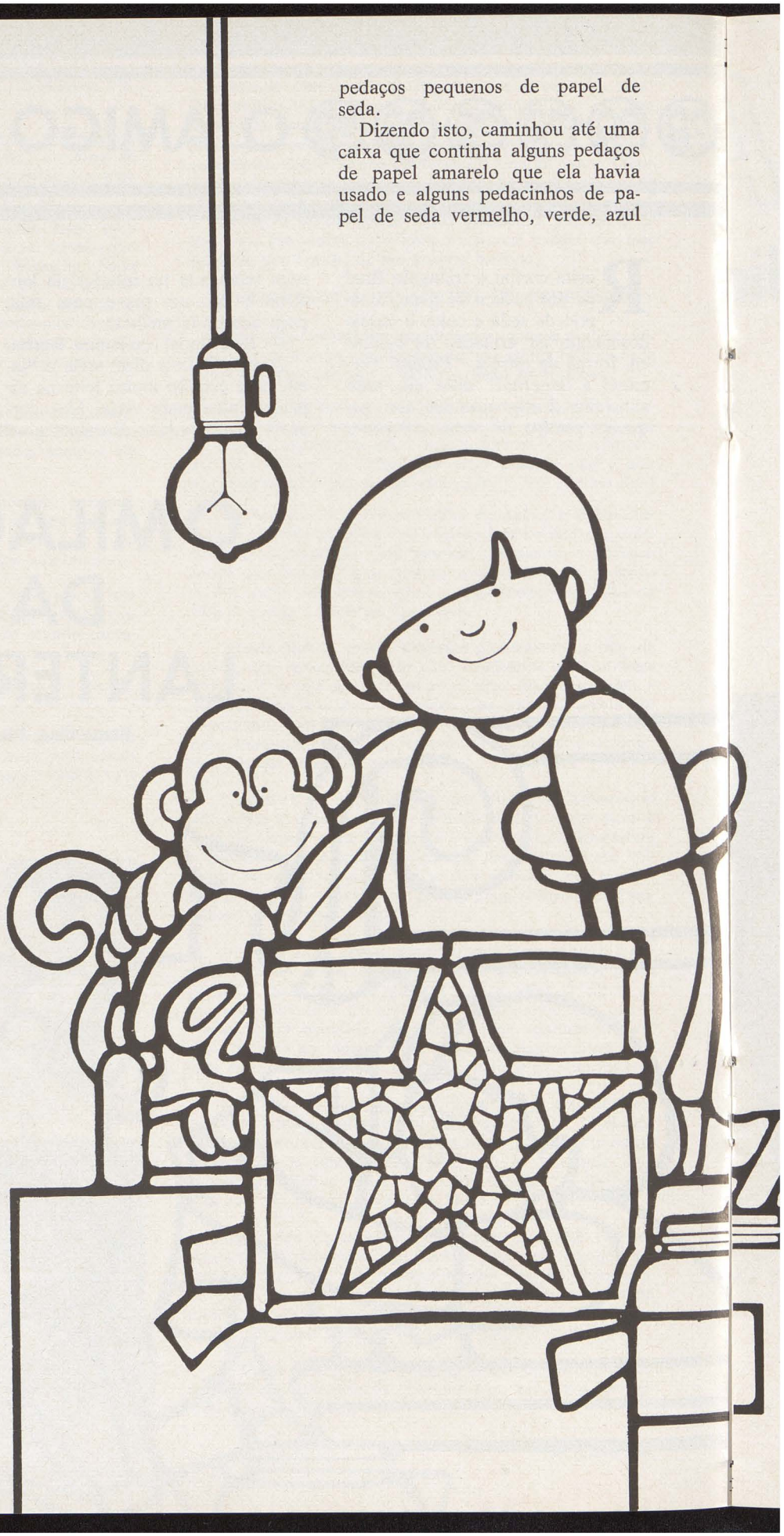
— Sinto muito, Rosita, sinceramente!

Juan caminhou tropegamente com sua muleta e juntou o que restou da lanterna.

— Eu a consertarei para você!

— Seria preciso um milagre para consertá-la! disse Rosita. Mesmo que você pudesse arrumar a armação, restaram apenas alguns pedaços pequenos de papel de seda.

Dizendo isto, caminhou até uma caixa que continha alguns pedaços de papel amarelo que ela havia usado e alguns pedacinhos de papel de seda vermelho, verde, azul



e branco que sobraram das lanternas que havia confeccionado nos anos anteriores.

— Bem, posso tentar, — disse Juan, com ar carrancudo, mas com um olhar profundamente determinado em seu rosto.

Rosita encolheu os ombros e disse desoladamente:

— De qualquer modo, provavelmente eu não ganharia o prêmio.

— Você ganharia, se não fosse por mim e Pepe, disse Juan, baixinho.

— Deixe pra lá, Juan. — Rosita pegou um livro, e correndo para fora, foi sentar-se nos degraus da escada. Tentou ler alguns trechos, mas seus pensamentos continuavam centralizados em seu irmão. Lamentou sinceramente ter sido tão rude com ele, pois o amava muito. Ela também admirava a sua coragem, pois ele jamais se lamentava de ser aleijado, e andava agilmente por toda parte com sua muleta.

Depois de algum tempo, Rosita foi para casa preparar a comida para os dois, pois seus pais haviam ido ao mercado na cidade e não voltariam senão no dia seguinte.

Juan havia ligado a lâmpada que ficava acima da mesa e Rosita ficou surpresa ao ver que ele consertara a armação da lanterna. Pepe sentou-se ao lado de seu dono, e aquietou-se, finalmente.

— Por que se incomodar, Juan? — perguntou Rosita. Você não poderá comprar mais papel de seda em nenhum lugar da vila.

— Tenho uma idéia que talvez dê certo, disse Juan.

Depois do jantar, Rosita tirou os lençóis de uma cesta de roupas passadas e arrumou sua cama de um lado da sala e a de Juan no outro, mas ele permaneceu sentado à mesa, estudando os pedaços de papel colorido.

Rosita observou-o durante algum tempo, mas logo adormeceu. Acordou uma vez durante a noite e viu que Juan ainda estava firme em seu posto.

— Vá para a cama, Juan! — disse ela. Desista dessa lanterna.

Juan respondeu, fazendo apenas um sinal negativo com a cabeça.

Quando Rosita acordou a segunda vez, os primeiros albores da aurora apareciam pela vidraça, e seu irmão ainda estava trabalhando.

— Juan! — gritou Rosita. Você ainda não foi dormir?

Juan não respondeu. Ao invés disso, apagou a luz, e com um fósforo acendeu a vela da lanterna que havia confeccionado durante a longa noite.

Rosita perdeu a respiração. Juan havia coberto a armação da lanterna com pequeninos pedaços de papel vermelho, amarelo, azul, verde e branco que cuidadosamente cortara e colara formando desenhos.

— É linda! — exclamou Rosita. Parece a janela de uma catedral!

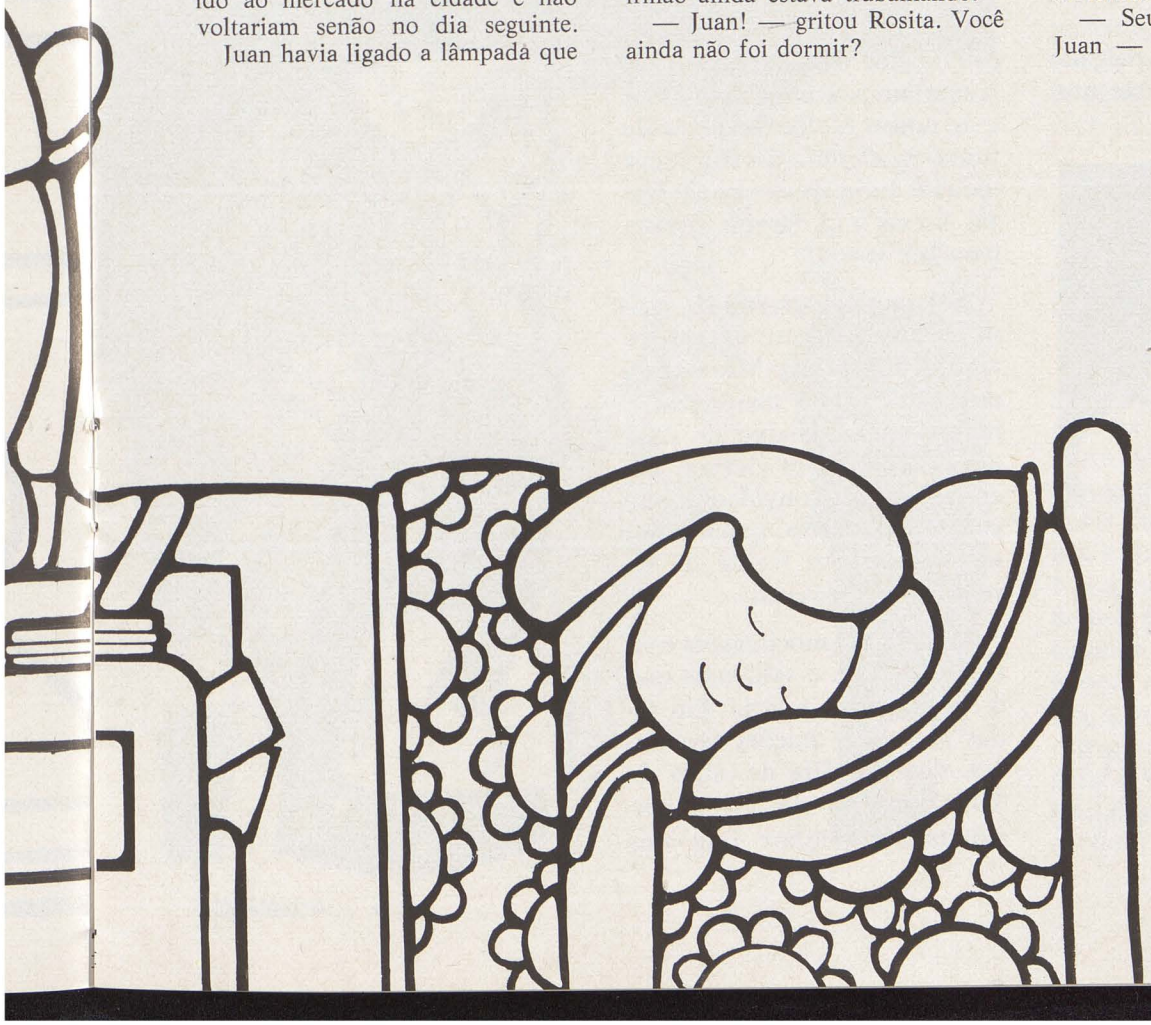
— Ou o casaco de José! brincou Juan, divertidamente. Eu lhe disse que conseguiria arrumá-la, mas você afirmou que seria preciso um milagre.

— É um milagre, Juan — declarou a menina.

— Nem tanto, disse ele, sorrindo. Foi apenas um trabalho difícil.

— Eu sei que foi, — disse ela, cruzando o quarto para abraçar o irmão. Subitamente, já não lhe parecia importante vencer o concurso, quanto ter um irmão que a amava tanto, a ponto de trabalhar a noite inteira, para que seu sonho se tornasse realidade.

— Seu amor fez esse milagre, Juan — disse Rosita, ternamente.



O NA

todos os dias

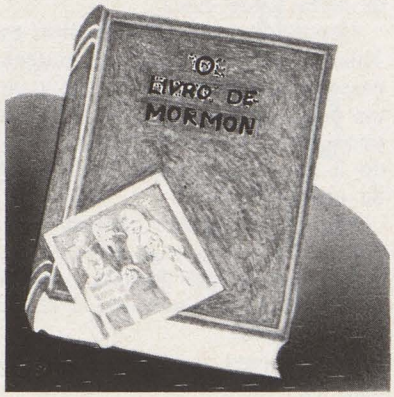
Chamo-me Ginger Lyn, e sempre gostei do Natal, mas o do ano passado foi o melhor que jamais tive.

Ele começou no Dia de Ação de Graças, quando nossa família se ajoelhou em oração para agradecer todas as bênçãos que havíamos recebido. Estávamos tão felizes, que conversamos a respeito de algumas coisas que poderíamos fazer, para ajudar os outros a encontrarem a mesma felicidade.

Debatemos juntos muitas idéias, mas a melhor de todas foi o plano que fizemos para o dia do Natal. O que mais apreciamos na vida é a nossa grande família e a felicidade que o Evangelho nos traz. Decidimos, portanto, que partilhar essas duas bênçãos seria o presente que daríamos aos outros.

O Templo de Lago Salgado fica a curta distância de nossa casa, e visitá-lo era parte de nosso plano. Decidimos que no dia do Natal, após abrirmos os nossos presentes e comermos o desjejum, limparíamos a casa e após prepararmos um jantar especial, iríamos para a quadra do templo encontrar algumas pessoas para passarem o Natal conosco. Antes de irmos ao Centro de Visitantes encontrar nossos convidados desconhecidos, arrumaríamos a mesa com velas e as nossas melhores peças de prata e cristal. Deixaríamos todas as luzes da árvore de Natal acesas e a lareira pronta para ser usada.





Colamos fotografias de nossa família nas contracapas de alguns **Livros de Mórmon** e escrevemos uma mensagem e nossos nomes abaixo de cada uma. Esses livros deviam ser entregues aos convidados que viriam para a ceia, quando nos sentássemos em frente da lareira para conversar.

Estávamos emocionados com o nosso plano e sabíamos que o Senhor nos ajudaria. Em todas as nossas orações familiares, desde o Dia de Ação de Graças até o do Natal, pedimos ao Senhor que nos preparasse alguém que necessitasse de nosso amor e que estivesse preparado para receber o Evangelho.

Finalmente chegou o dia do Natal e estávamos radiantes. Tivemos mais trabalho para preparar o jantar e limpar a casa do que esperávamos, por este motivo chegamos mais tarde ao Centro de Visitantes do que havíamos planejado.



NATAL

dias do ano

Tivemos medo de que todas as pessoas que encontrássemos já tivessem jantado àquela hora, e não achássemos ninguém para partilhar da ceia de Natal conosco.

Falamos com diversas pessoas, convidando-as para virem à nossa casa. Algumas afirmaram que já haviam jantado, e outras ficaram intrigadas e disseram: "Não, muito obrigado." Mas continuamos perguntando, porque sabíamos que nosso Pai Celestial havia preparado alguém para nós. Não demorou muito para termos essa confirmação!

Encontramos um casal do Estado de Michigan, juntamente com seu filho de dezessete anos de idade. Eles ficaram surpresos com o convite, mas disseram que estavam famintos e a ponto de olharem na lista telefônica para encontrar um local onde pudessem jantar. O casal já estivera no Centro de Visitantes em outra ocasião, durante as férias, e naquela visita, queriam que seu filho aprendesse um pouco mais a respeito do povo SUD. O pai disse: "Não existe maneira melhor de aprendermos mais a respeito de sua Igreja e seu modo de vida, do que diretamente em um de seus lares. Teremos muito prazer em participar de sua ceia!"



Convidamos também duas outras jovens australianas que estavam em viagem de férias. Elas também pareceram emocionadas, e disseram que ainda não haviam jantado e apreciariam estar junto com uma família por ocasião do Natal.

Tivemos uma noite de Natal maravilhosa, comendo, conversando e respondendo perguntas sobre a Igreja. Antes de nos despedirmos de nossos convidados, eles agradeceram muitas vezes. A família de Michigan disse que sempre se lembraria da ceia de Natal que tivera conosco como um dos acontecimentos mais importantes de sua viagem, e antes de partirem, tiraram uma fotografia nossa, ao lado da árvore de Natal.

As moças da Austrália ficaram comovidas, quando lhe demos um exemplar do Livro de Mórmon com uma fotografia nossa na contracapa.

Depois que os visitantes partiram, nossa família se reuniu na cozinha para lavar a louça. Concordamos unanimemente que o espírito do Natal havia contagiado cada um de nós e que tivéramos o melhor Natal de nossas vidas. Aprendemos também que não precisamos esperar que chegue a época natalina para termos um sentimento cristão — tudo o que temos de fazer é partilhar o Evangelho com as outras pessoas, e poderemos ter o Natal todos os dias do ano!



O Natal é uma das épocas mais felizes e memoráveis de qualquer ano. Quando nos preparamos para ele, nossos pensamentos nos levam muito mais longe que aquela noite em Belém, e pensamos na dádiva gloriosa que nosso Pai Celestial nos deu, enviando seu filho à terra há quase 2000 anos.

Quando os membros da Primeira Presidência pensam no Natal juntamente com seus familiares e amigos, lembram também a missão de Jesus Cristo, e que deu a vida por nós. Ao chegar o Natal de 1977, eles desejam partilhar algumas de suas lembranças e pensamentos com as crianças de todo o mundo.

Reminiscências de Natal da Primeira Presidência

Chegou o Natal. Novamente meus pensamentos se voltam para Belém, o lugar onde Jesus nasceu, e para o primeiro Natal.

Há alguns anos, sister Kimball e eu realizamos um grande sonho de nossa vida: visitar Belém na época do Natal. O dia 24 de dezembro foi um bonito domingo, e de manhã bem cedo, fizemos uma reunião sacramental em Bagdá, Iraque, na casa da família onde nos hospedamos. Dali voamos para Damasco, Síria, e de lá para Jerusalém. Pessoas de muitas terras estavam reunidas naquela noite sagrada, aguardando para serem levadas pela estrada tortuosa de 18 quilômetros de extensão, na região montanhosa, até a cidade de Belém.

Ao chegarmos, encontramos a praça tão cheia de gente, que foi possível levar nossos pensamentos ao primeiro Natal, quando disseram a José e Maria "que não havia lugar para eles na estalagem".

Para aumentar a balbúrdia da multidão que se acotovelava, um caminhão que conduzia um alto-falante tocava estridentemente alguns hinos de Natal, e os sinos repicavam na Igreja da Natividade, construída no quarto século da era cristã, numa praça situada sobre uma gruta que muitas pessoas acreditam ser o verdadeiro local onde estava a manjedoura em que o Menino Jesus nasceu.

Uma pequena porta e alguns degraus estreitos conduzem à gruta. Foi com muita dificuldade que lá chegamos. Ela estava iluminada por muitas velas e adornada com ricos cortinados. Juntamente com a multidão de curiosos, tentamos refletir e recordar em contemplação a história do mais importante de todos os nascimentos.

Logo em seguida, tivemos a felicidade de encontrar um táxi para nos levar 3 quilômetros colina abaixo até o campo dos pastores, onde finalmente encontramos um local sossegado naquela noite fresca e clara. Havia apenas quatro de nós ao pé da colina, onde outrora os pastores guardaram seus rebanhos naquela primeira véspera de Natal.

A lua brilhava com uma claridade incomum, e o céu estava pontilhado de estrelas. Em nossa imaginação, quase podíamos ouvir a "multidão dos exércitos celestiais louvando a Deus e dizendo "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens".

Olhamos para o alto da colina e vimos as luzes cintilantes de Belém e fomos inspirados a cantar suavemente:

"Pequena vila de Belém, repousa em teu [dormir,
Enquanto os astros lá no céu, estão a [refulgir . . .
O dom glorioso, divinal, nenhum ruído faz,
Porém a este mundo nova esperança traz.

("Pequena Vila de Belém," Hinário SUD, n.º 119.)

Logo depois ofereci uma oração de agradecimento por ter o privilégio de passar aquele Natal em Belém, e pelo conhecimento que tinha de nosso Salvador, Jesus Cristo, o Filho de Deus. Meu coração estava cheio de alegria por saber que ele estabeleceu um plano para nós, o modo de vida pelo qual, se formos fiéis, algum dia poderemos vê-lo e expressar pessoalmente a nossa gratidão por sua vida perfeita e pelo sacrifício que fez por nós.

Presidente Spencer W. Kimball

Quando medito sobre os Natais de minha infância, lembro que éramos pobres. Nossos pais tinham oito filhos para sustentar, trabalhavam muito para suprir o alimento e vestuário da família. A maior parte de nossos presentes eram feitos em casa, nem sempre eram numerosos, mas nos divertíamos bastante com eles. Expressávamos todo amor que sentíamos por nossos queridos pais, manifestando o nosso agradecimento através de palavras e ações.

O presente mais importante que recebemos, embora nos tenha passado despercebido,

foi entender realmente a história bastante repetida que relata o nascimento de nosso Senhor e Salvador. Esse conhecimento e testemunho tem sido a base da observância de todos os natais de que tenho participado desde a minha juventude. Todos os anos, meus filhos e netos que podem reunir-se em seus próprios pequenos grupos familiares, onde quer que estejam, encenam a história do Menino Jesus e dão ênfase à importância desse evento e à influência que ele teve na vida de toda a humanidade.

Talvez eu também tenha sido influenciado — como incontáveis milhares de pessoas — pelas palavras de Charles Dickens, quando escreveu o imortal clássico **"Um Conto de Natal"**. Lembramos a costumeira resposta: "Bah! Tapeação!" que Ebenezer Scrooge dava, ao ouvir qualquer saudação natalina. Numa dessas ocasiões, seu alegre sobrinho respondeu: "Sempre considerei a época do Natal uma das mais agradáveis, clementes e caridosas... por isto digo, que Deus a abençoe!"

Então vocês devem lembrar o sonho que Scrooge teve, onde lhe apareceu o Fantasma do Natal Passado e lhe disse: "Uso a corrente que forjei na vida. Eu a criei, elo por elo, e a uso espontaneamente."

E assim fizeram Scrooge lembrar que fora negligente para com o seu próximo, e seu coração começou a se enternecer. Quando chegou o Fantasma do Natal Presente, ele pôde dizer: "Se você tiver algum ensinamento para me dar nesta noite, deixe-me aproveitá-lo."

Quando chegou o Fantasma do Natal Futuro, Scrooge disse: "Estou preparado para o que me vens dizer... "e aceitarei com um coração grato."

Ao tomar conhecimento dos tristes destinos que tiveram algumas pessoas que ele deixara de ajudar, e previu sua própria morte em extrema solidão, ele rogou: "Diga-me que ainda posso mudar... (e) honrarei o Natal em meu coração, e tentarei conservá-lo durante todo o ano."

Ficou satisfeito quando acordou e viu que ainda estava vivo e tinha tempo para corrigir sua vida, o que prontamente se prontificou a fazer.

Que possamos viver de modo que não venhamos a lamentar os natais passados, e que os atuais possam ser cheios de alegria advinda da observância dos mandamentos que nosso Senhor e Salvador veio ensinar. Que continuemos a aguardar com grande expectativa os natais felizes que ainda virão, porque partilhamos as nossas bênçãos com o próximo, e que possam dizer que soubemos celebrar o Natal com reverência.

Presidente N. Eldon Tanner

Para as crianças atuais, o Natal é bastante diferente do que foi para mim há mais de sessenta anos. Por exemplo, há uma grande diferença na maneira como obtemos as árvores natalinas. Quando eu era menino, costumávamos cortar os pinheiros nas encostas das colinas. Lembro certa vez em que eu e meu irmão arrastamos uma árvore de natal e quando chegamos em casa havia restado apenas um lado dela. Tivemos que colocá-la em pé no canto da sala, para que não aparecesse o lado que ficara sem galhos.

Costumávamos fazer todas as nossas decorações. Cortávamos fitas de papel de seda e colávamos, formando uma corrente. Fazíamos pipocas e as costurávamos em forma de grinaldas com as quais adornávamos a árvore.

Tínhamos sempre um jantar especial no dia do Natal.

Meu tio, Gaskill Romney, era proprietário de uma serraria e de uma fábrica de caixilhos e portas. Ele tinha um torno onde fazia bastões de basebol para presentear os meninos, e nós mesmos costumávamos fazer os pequenos armários que dávamos para as meninas. Nossos brinquedos não eram tão sofisticados como os atuais.

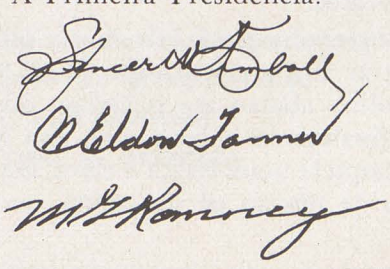
Mas nosso Natal era sempre uma época feliz. Para nós, era o dia em que o Salvador nasceu.

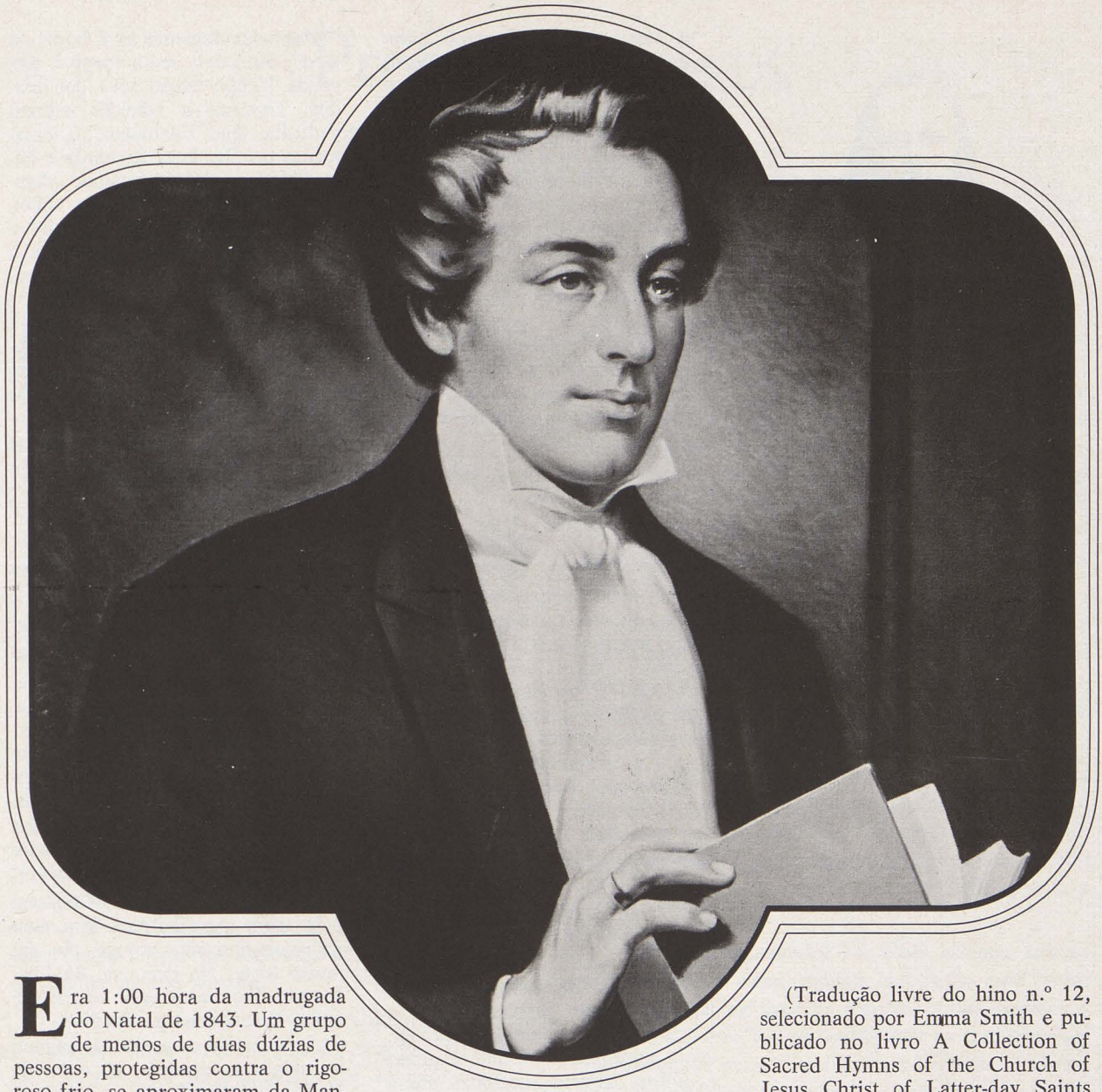
Presidente Marion G. Romney

Amadas crianças, lembrem-se de que a pessoa cujo aniversário celebramos, é o Filho de Deus, o Pai Eterno, e o Redentor do mundo. Que esse Natal possa ser uma época gloriosa e feliz para cada um de vocês.

Com amor e os melhores votos de um feliz Natal,

A Primeira Presidência.





O Último Natal do Profeta

Por Albert L. Zobell, Jr.

Era 1:00 hora da madrugada do Natal de 1843. Um grupo de menos de duas dúzias de pessoas, protegidas contra o rigoroso frio, se aproximaram da Mansion House, situada na esquina das ruas Main e Water, em Nauvoo, em Illinois. O grupo parou sob as janelas do quarto onde o Profeta Joseph Smith dormia. Com os cachecóis bem apertados ao redor do pescoço, as abas dos chapéus abaixadas, as mãos enluvadas ou protegidas nos bolsos, os membros cantaram diante da janela. Uma das pessoas deu o sinal e todos começaram a cantar:

"Despertai, ó mortais! Com os [anjos em harmonia,
Cantai esta solene canção.
Combinando o amor e a gratidão,
Para louvar este auspicioso dia."

(Tradução livre do hino n.º 12, selecionado por Emma Smith e publicado no livro A Collection of Sacred Hymns of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints em Nauvoo, Illinois: editado por E. Robinson Printer, 1841.)

Quando eles cantaram as outras seis estrofes, os moradores da casa se reuniram na janela. Talvez alguns deles, inclusive o Profeta, se aventuraram a enfrentar o frio enregelante para saudar os cantores. Posteriormente, ele disse: "Aquilo fez com que a emoção e o prazer enchessem minha alma. Todos os meus familiares e convidados se levantaram para ouvir a serenata, e senti o desejo de agradecer ao Pai Celestial pela visita daquelas pessoas e de abençoá-las em nome do Senhor."



A viúva Lettice Rushton, uma senhora cega, conversa de origem inglesa, e seus cinco filhos adultos e suas respectivas esposas, esquecendo o frio, acompanhados de alguns vizinhos que faziam parte do grupo de cantores, se encaminharam para a casa de Hyrum Smith, situada a duas quadras ao oeste, na rua Water. Naturalmente naquela hora o Patriarca da Igreja já estava dormindo. Ele se levantou e, saindo, foi apertar as mãos dos cantores. Abençoou a cada um deles, dizendo-lhes que seu canto era tão celestial, que ele julgou por um momento que um coro de anjos viera visitá-los.

Aquele Natal foi o último do Profeta e seu irmão.

Joseph pretendia ficar em casa naquele dia. Um homem muito apegado à família, seus natais anteriores nem sempre haviam sido tão agradáveis como aquele. No Natal anterior, ele tivera que se encontrar com o Governador Ford, para resolver problemas que existiam entre os santos e seus vizinhos não-membros. Em 1839, ele passou a temporada de Natal em Washington, tentando conseguir que o governo indenizasse bens que os santos haviam perdido nos conflitos do Missouri. No ano anterior àquele, Joseph e diversos amigos leais haviam passado um Natal miserável na cadeia de Liberty.

Talvez seus pensamentos se voltassem naquele momento para o seu bom amigo Porter Rockwell, agora com 30 anos, e que, segundo a última notícia recebida, ainda estava na prisão do Missouri, encarcerado havia sete meses. Sabendo que Porter havia sido aprisionado ilegalmente, o Profeta não acreditava que os esforços dos santos de Illinois pudessem garantir-lhe a liberdade.

Na noite daquele último Natal, Joseph reuniu-se com alguns irmãos do Acampamento de Morley, situado onde atualmente se localiza a cidade de Lima, a 40 quilômetros ao sul de Nauvoo. Ele os aconselhou a manterem a lei de seu lado, apesar das depredações praticadas por cidadãos saqueadores.

Aproximadamente às 2 horas da tarde, 50 casais sentaram-se à mesa de Joseph como seus convidados. Durante a refeição vieram pedir-lhe que solenizasse o casamento do Dr. Levi Richards e Sara Griffiths. Não desejando abandonar seus convidados, ele solicitou que o pedido fosse encaminhado a Brigham Young, que morava a curta distância dali, o qual atendeu o caso.

Aparentemente, o Profeta de 38 anos de idade, que tinha a reputação de ser hospitaleiro, passou o resto do dia com sua família e amigos. Naquela noite, uma grande comitiva também jantou em sua casa, antes de se voltarem à música, danças e outras festividades natalinas tradicionais naquela época.

Alguns convidados tardios, muito bem vestidos, chegaram durante o anoitecer daquela segunda-feira. As tribulações passadas e presentes infligidas aos santos foram esquecidas temporariamente no momento em que os hóspedes participavam das festividades. Súbito, o espírito que reinava naquela noite foi quebrado, quando entrou violentamente na sala um missouriano sujo, esquelético, cambaleante e aparentemente embriagado, com os cabelos desgrenhados que chegavam à altura dos ombros.

Algumas pessoas se esforçaram para atirar o rufião para fora, mas não conseguiram, porque ele era muito forte. No decorrer da luta, Joseph olhou bem para aquele homem. Era seu amigo Porter!

A atmosfera se acalmou, quando os amigos se reuniram ao redor de Rockwell e lhe deram as boas-vindas. Ele explicou como fora honrosamente solto da prisão, após estar preso durante sete meses, e havia aberto caminho através de um território hostil. Levou 12 dias para fazer aquela viagem, porque seus pés estavam feridos e alguns homens procuravam tirar-lhe a vida. Ele acabava de chegar em Nauvoo. A peça que pregara no Profeta e seus convidados era apenas a sua maneira de brincar.

A volta de Rockwell são e salvo coroou de alegria aquele último Natal de Joseph, pois antes do mês de dezembro do ano seguinte, ele foi morto em Carthage.

Profetas Antigos Previram as Expedições de Colombo

Cristóvão Colombo está mencionado no Livro de Mórmon, um registro de escrituras da antiga civilização do hemisfério ocidental.

Isso não parece ser uma declaração muito importante, até considerarmos o fato de que o Livro de Mórmon fez referência dele, 2.000 anos antes de seu nascimento.

O Livro de Mórmon é um volume de escrituras da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (os Mórmons). Nesse livro encontra-se esta declaração de um antigo profeta cristão (Entre 600 e 502 A.C.):

> "E olhando, vi entre os gentios um homem que estava separado da semente de meus irmãos pelas muitas águas; e vi que o Espírito de Deus desceu sobre o homem; e, saindo esse homem sobre as muitas águas, chegou até a semente de meus irmãos, que estava na terra da promissão." (1 Nefi 13:12)

Os Mórmons acreditam ser Colombo o homem visto pelo profeta em visão. E, de acordo com as observações do profeta, Colombo seria guiado pelo poder divino em sua jornada.

Anos mais tarde, o próprio Colombo escreveu o seguinte, numa carta dirigida à hierarquia espanhola: "...o Senhor abriu minha mente, enviou-me pelos mares e deu-me inspiração para a façanha. Aqueles que ouviram falar de meus planos, os chamaram de absurdos, zombaram e riram-se de mim. Mas quem pode negar que foi o Espírito Santo que me inspirou?"

Embora os americanos prestem homenagem a Colombo, com um feriado oficialmente designado, poucos são os que acreditam haver sido ele o primeiro "estranho" a avistar o hemisfério ocidental. Existem evidências concretas de que os escandinavos e talvez outros precederam as viagens colombianas. Porém, essas primeiras viagens não levaram a permanentes colonizações. Essa é a distinção que os Mórmons prestam aos esforços de Colombo. Os Mórmons afirmam que Colombo preparou o terreno para as colonizações que finalmente levaram ao estabelecimento da Igreja em 1830.

O próprio Livro de Mórmon é a melhor evidência que temos de que outros precederam Colombo no hemisfério ocidental, provenientes do "Velho Mundo". Esses também eram colonizadores, porém, chegaram muitos séculos antes de Colombo — até 2.300 A.C. O profeta que viu Colombo numa visão, um homem chamado Néfi, chegou às Américas aproximadamente no ano 600 A.C.

Grandes civilizações resultaram dessas primeiras colonizações, no entanto, a corrupção e as guerras civis eventualmente levaram à desintegração da cultura mais avançada, dela restando apenas uma reminiscência quando da chegada de Colombo.

O ponto culminante das civilizações americanas foi a visita de Jesus Cristo ao continente americano, logo após sua ressurreição. O registro dessa visita encontra-se no Livro de Mórmon, volume considerado pelos Mórmons como sendo escritura, tanto quanto a Bíblia.

Os registros mantidos por esses profetas através dos anos foram eventualmente enterrados para serem preservados. Esses mesmos registros foram trazidos à luz em 1827 por Joseph Smith, que os traduziu com ajuda divina e os publicou como o Livro de Mórmon, cujo nome provém de um profeta que teve papel principal na acumulação dos registros.

O Senhor logo estabeleceu sua Igreja por intermédio de Joseph Smith, a qual havia estado ausente da terra desde que os apóstolos foram rejeitados pela humanidade nos anos que se seguiram à morte e ressurreição de Cristo.

O Livro de Mórmon, inclusive sua referência quanto a Colombo, tem desde então se tornado a pedra fundamental da Igreja. Esse livro foi publicado em 27 línguas e em breve será publicado em outras mais. Seu propósito é o de convencer todos os povos de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e Redentor de toda a humanidade.

Sereis Ensinados, quer Estejais Preparados quer Não

Boyd K. Packer

Quando menino, uma de minhas brincadeiras favoritas de que costumava participar, era o jogo de "esconde-esconde." Geralmente brincávamos ao anoitecer, quando todas as crianças da vizinhança se reuniam em um dos jardins ou quintais, onde havia inúmeros lugares em que podíamos esconder-nos. O jogo iniciava com uma das crianças que era designada para contar e ficava em pé em cima de uma lata, com os olhos bem fechados, contando até cem, enquanto as outras corriam para se esconder. A criança concluía a contagem, dizendo: "noventa e seis, noventa e sete, noventa e oito, noventa e nove, cem!" Então, gritava: "Lá vou eu! Eu os pegarei, estejam preparados ou não!" Assim começava a brincadeira.

Muitas vezes, ao observar um professor lutando contra uma classe desinteressada, ou ao ver um dos pais tentando ensinar uma lição inoportuna a um jovem, penso que esse tipo de ensinamento é muito parecido com uma brincadeira em que declaramos através de nossas atitudes: "Lá vou eu. Sereis ensinados, quer estejais preparados quer não."

Se quisermos que nossos ensinamentos produzam os efeitos desejados, devemos aproveitar a vontade que o aluno tem de aprender. Há alguns anos, quando eu era instrutor de seminário, um dos alunos foi morto em um acidente de automóvel, quando estava a caminho da escola. Havia um manto de tristeza e horror em toda a escola naquele dia. Os alunos vieram para a classe mais sérios e prontos para aprender do que jamais os vira. Eu estava ensinando história da Igreja, e nos encontrávamos no trecho que fala da viagem dos pioneiros para o oeste. Mas aquela não era a ocasião adequada para dar uma lição sobre aquele assunto. Naquele dia, os alunos estavam preparados para receber ensinamentos sobre a expiação de Cristo, a ressurreição e a vida após a morte.

Um bom professor estaria alerta e aproveitaria a oportunidade para ensinar, quando os jovens estivessem preparados. Muitas lições que sempre tivemos vontade de ensinar a nossos próprios filhos, tiveram que esperar até que eles se mostrassem prontos para recebê-las.

Muito Cedo Demais

Uma das maiores dificuldades, e um dos mais extraordinários perigos nos cursos que tratam sobre a educação sexual nas escolas públicas, é que eles negligenciam o princípio significativo do ensino. Falam tudo sobre aquele assunto, quando os jovens ainda não estão preparados, e assim abalam a estabilidade moral, espiritual e emocional dos alu-





nos. Eles os expõem a um grande perigo. Esses ensinamentos deveriam ser dados numa ocasião apropriada, pois há um tempo adequado para todas as coisas. Um professor e um pai sábios estão sempre alerta para esse fato.

Da mesma forma, ao programar uma atividade da Igreja, devemos usar grande sabedoria ao considerarmos a maturidade e disposição de nossos membros, quando lhes ensinamos os princípios básicos da moralidade. Se os ensinarmos muito cedo, os jovens podem achá-los pouco interessantes. Ensinar moralidade pode ser algo necessário, mas o ambiente no qual é estabelecida deve reconhecer o grau de maturidade e compreensão.

Por exemplo, quando as crianças são muito jovens para terem sido acossadas pelos desejos físicos, elas devem ser ensinadas a respeito desse assunto de maneira completamente diferente da que seria apropriada a uma pessoa adulta. Chegará uma ocasião futura em que esse assunto poderá ser discutido mais maduramente, mas deverá ser debatido com reverência.

A informação que apresentamos ao aluno deve ser de natureza tão saborosa, que sua disposição de aprendizado possa digeri-la. Infelizmente, não existe uma série de mapas e gráficos, medidas ou testes disponíveis que possibilitem a um pai ou professor ter um perfil acurado da maturidade de cada aluno, e assim amoldar os seus ensinamentos de maneira apropriada. Isso quer dizer que devemos observar cuidadosa e silenciosamente cada jovem, para que tenhamos condição de saber quando ele está preparado. Esse mesmo conceito se aplica a diversos assuntos.

A Ocasião é Agora — Agora Mesmo!

O princípio da disposição é muito importante, quando ensinamos nossos filhos. Os pais estão quase constantemente em contato com eles e podem observar quando estão prontos para serem instruídos. Através das perguntas que fazem ou de seu comportamento e experiências pessoais, eles podem sentir que é a ocasião adequada para doutriná-los. Os pais devem procurar saber se aquela é a ocasião adequada para ensinar a lição e se seus filhos estão prontos para recebê-la.

Minha mulher e eu temos por princípio básico como pais nunca deixar de responder a qualquer pergunta de nossos filhos, não importa o quão insignificante ela seja ou o quão ocupados estejamos, sempre estamos dispostos a interromper os nossos afazeres para responder as suas questões. Fazemos isso, porque a pergunta indica que eles estão prontos; que eles querem saber agora.

Alimente-os, Quando Estiverem com Fome

Aprendemos algo a respeito de alimentar esse apetite interno, intocável e invisível, comparando-o com a fome física. Quando nossos filhos estavam crescendo, tínhamos como norma alimentá-los, quando estavam com fome. Atualmente, aquela atitude nos parece bastante estranha e temerária, mas sempre foi muito eficaz.

Logo que nossos filhos voltam da escola, já encontram o jantar quentinho à sua espera. Eles jantam aproximadamente das dezesseis e trinta às dezessete horas. Estiveram na escola o dia todo, e sua taxa de açúcar no sangue deve estar bem baixa; ficam impacientes, cansados e sempre famintos ao voltarem para casa.

Havia dois caminhos a seguir. Sua mãe poderia lhes servir leite, biscoitos ou pão com geléia para acalmá-los até a hora do jantar, caso em que perderiam o apetite e não comeriam o tanto que esperávamos. O outro caminho seria servir o jantar na hora em que estavam mais famintos. Então eles jantariam gostosamente, e comeriam alguma outra coisa antes de dormir.

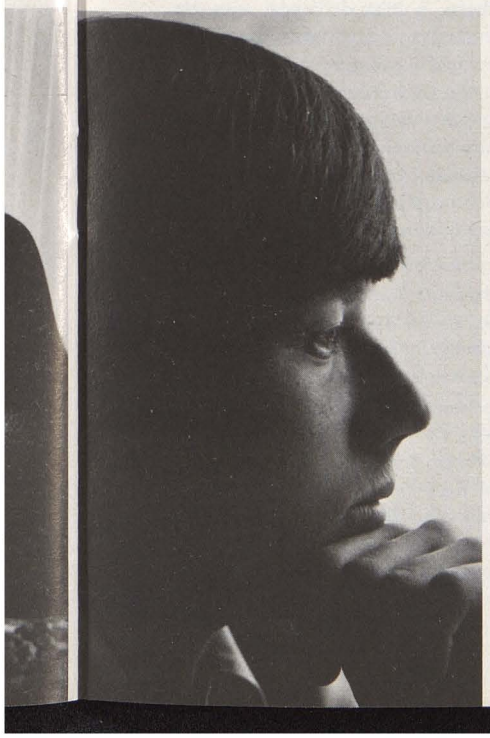
É interessante vê-los depois que tiveram uma boa refeição, irem tratar de seus afazeres, estudar suas lições, brincar calmamente ou tratar de qualquer outro tipo de atividade.

Surge imediatamente o problema: o pai não faz a refeição juntamente com os filhos nessa ocasião? Ele janta ao chegar em casa. Freqüentemente as crianças se sentam ao seu redor e conversam. Já que uma refeição leve é servida mais tarde, é como se tivéssemos uma reunião familiar todas as noites.

Esse sistema tem contribuído muito para a paz e a tranqüilidade de nosso lar, porque as crianças são alimentadas na ocasião oportuna.

Naturalmente, esse exemplo é uma analogia comparada ao ensino. Muitas vezes damos aos alunos respostas ocasionais, pequenos bocados que realmente estragam seu apetite para o aprendizado, e eles partem sem que tenham sido nutridos espiritual e intelectualmente como necessitavam.

O aviso da brincadeira infantil, "Sereis instruídos, quer estejais preparados quer não," é um pobre conselho para qualquer pai ou professor. (Do livro **Teach Ye Diligently,** de Boyd K. Packer, trechos do capítulo 17, pp. 107-108, 114-116. Copyright 1975, Deseret Book Company. Usado com permissão.)









PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE JOÃO EDUARDO KEMENY

ESTACA RIO DE JANEIRO NITERÓI — BRASIL

João Eduardo Kemeny, 37 anos, nascido no Rio de Janeiro é filho de Paulo Kemeny e Marie Schurger Kemeny, de origem austro-húngara. Formado em Economia pela Universidade de Brigham Young, em Provo, Utah, U.S.A., trabalha na Burroughs Eletrônica do Brasil. É também formado em música, (composição e regência), dedicando-se à arte musical desde sua juventude. Casou-se no Templo de Salt Lake com Louise Lindorf e tem três filhas: Myla Marie, 5 anos, Christine Elizabeth, 3 anos e Suzane Louise, 1 ano.

João Eduardo é o terceiro filho varão de seis irmãos. Pouco tempo após o seu nascimento, mudaram-se para São Paulo, onde a família fixou residência e foi na capital paulista onde nasceram todos os outros irmãos. Foi em São Paulo, também, que em tenra idade manifestou invulgar talento musical, que o tornou mais tarde figura de destaque e ele comenta: "Fui longe na música e meu grande sonho era tornar-me um regente profissional; dediquei-me com afinco, mas paralelamente fui estudando outras modalidades que me permitissem maiores possibilidades no campo financeiro. Na vida tenho duas frustrações: a de não poder viver da música e de não ter feito uma missão. Mas esta última pretendo compensar no futuro, quando minhas filhas não mais necessitarem de nossos cuidados pessoais, então eu e minha esposa pretendemos servir uma missão, se o Senhor nos permitir."

Assim como todas suas atividades a carreira musical desse líder eclesiástico iniciou-se em São Paulo. De violinista ele passou aos estudos de regência. Lecionou mais tarde no Conservatório Musical J. G. de Araújo. Na Juilliard School de Nova York completou seus estudos. Representou o Brasil em simpósios internacionais de música. Dentre suas várias composições destacam-se "Lullaby for Strings" e de seus arranjos, o Hino das Nações Unidas de Robert Saffer.



O maior de todos os talentos com que o presidente Kemeny foi agraciado, é o amor a Deus sobre todas as coisas que resultou numa riqueza espiritual e grande aptidão em servir. Essa aptidão para servir ao Senhor começou no ano de 1956, quando sua família que era católica, conheceu a Igreja Restaurada. Não era costume da família convidar estranhos para entrarem em casa. O dia em que bateram à porta dois jovens missionários americanos, foi a única exceção. As palestras foram, primeiramente, ministradas ao chefe da família, que as aceitou, e depois apresentadas aos filhos. Cinco deles aceitaram, restando apenas a mãe e o filho mais velho.

Dessa época conserva doces recordações da vida em família. Das reuniões familiares onde todos se confraternizavam através de talento musical, comuns a todos os filhos, louvando ao Pai Celestial. — "O ponto alto das reuniões era o talento culinário de minha mãe, que apresentava deliciosas surpresas, finas iguarias da cozinha austro-húngara. Como Néfi, posso dizer que nasci de boa família e de um lar sólido e feliz."

A família Kemeny frequentava o ramo do Centro. Alí o Presidente João Kemeny e os irmãos freqüentavam as reuniões da A.M.M. que lhe trouxeram muito desenvolvimento espiritual, através dos cargos que exerceu. Mais tarde, freqüentou o ramo de Vila Mariana, exercendo vários cargos.

Aos 22 anos mudou-se para Nova York. Seu pai era vice-presidente de uma companhia canadense e fora transferido para os E.U.A. Na nova cidade ampliou o estudo da música, sobretudo na composição e regência. Frequentaram a Ala de Manhattan e Rego Park.

— "A adaptação aos novos costumes e à língua trouxe muitas dificuldades, vencidas graças à base adquirida no Evangelho vivido em nosso país. Através do exemplo de meu pai fomos desenvolvendo linha sobre linha e preceito sobre preceito. Mais tarde fui estudar na Universidade de Brigham Young, em Utah. Após dois anos de curso básico optei pela cadeira de Economia. La conheci Louise, uma ex-missionária na Missão Canadá. Nesse época ela lecionava na Universidade, mas para outra turma. Ela é descendente de pioneiros mórmons, os Stay, e herdou deles uma fé e testemunho solidamente edificados, que a tornaram uma grande esposa, companheira e mãe dedicada, que me apóia em todas as atividades com entusiasmo e muita resignação. Tenho certeza de que se minhas filhas seguirem os passos da mãe serão grandes mulheres. Temos para elas os melhores planos para o futuro. Queremos que elas sejam fortes no Evangelho, que se casem no Templo e que tenham boa educação."

O Presidente Kemeny voltou ao Brasil no início de 1975, transferido pela firma; deverá permanecer aqui até que ela o transfira novamente para qualquer parte do mundo onde houver representante. Para ele o mais importante é servir ao Senhor e isso podemos fazer em qualquer lugar onde houver a Igreja. Seu testemunho baseia-se no poder da oração. — "Quando oro com fé, ouço a voz mansa e suave em meu coração.

Todos que se empenharem em orações ouvirão com certeza a voz mansa e suave de Deus, pois ele é um Deus vivo que fala ao coração dos homens e nós sentimos um ardor no peito. Assim sabemos que fomos atendidos.

Ele considera sua estaca, a penúltima organizada no Brasil, rica em potencial humano. Seus conselheiros, secretários, Sumo Conselheiros e líderes das auxiliares são pessoas fortes no trabalho e fieis na fé. — "Eles têm grande desejo de servir, e trarão sucesso para nossa obra, tenho certeza. Nossa administração torna-se um pouco difícil por causa da distância de alguns ramos, mas nos dão muita satisfação de pertencer a nossa área, como os ramos de Nova Friburgo e Juiz de Fora."

A estaca Rio de Janeiro Niterói é formada pelas alas: Jardim Botânico, São Gonçalo, Tijuca, Petrópolis e Niterói, e os ramos de Teresópolis, Juiz de Fora e Nova Friburgo, somando três mil membros, e conta apenas um ano de organização. Alguns dos membros do sumo conselho são bem novos na Igreja ou ainda jovens na idade, mas eficientes no cumprimento de seus chamados.

Para o Presidente Kemeny, sua força nesse trabalho vem da orientação de Deus, da cooperação de irmã Louise e do apoio de seus conselheiros. — "Sem esse reforço, eu não faria coisa alguma", acrescenta ele. Outra bagagem que trouxe para organizar a estaca foi a função de conselheiro do presidente Camargo na Missão Brasil-Rio de Janeiro. Com ele aprendeu bastante e cresceu espiritualmente; foi uma experiência que o Senhor lhe proporcionou antes do chamado para presidir a nova estaca. Foi também um susto, quando o Élder Bruce R. McConkie, que se encontrava no Rio, o entrevistou para a função e lhe deu apenas alguns minutos para obter inspiração e escolher os conselheiros e membros do sumo conselho. Refeito do choque, pediu um dia de prazo, que lhe foi concedido.

— "Nosso sonho, atualmente, é transformar a Estaca Niterói em estaca missionária. Quando conselheiro da Missão, costumava dizer ao líderes que visitava: Você deve fazer o trabalho missionário e não os missionários. Eles são treinados para ministrar as palestras e indicar os passos do arrependimento, mas a responsabilidade é sua. Agora me vejo no lugar desses líderes, sabendo que a responsabilidade é nossa. Pretendemos chamar, até o fim do ano, mais vinte e cinco jovens, entre moças e rapazes. Estávamos indo de carro de boi no campo missionário, mas o Presidente Kimball nos alerta para provermos nossos obreiros, porque já dobramos a última esquina. Já estamos indo de avião a jato e ainda estamos perdendo a batalha, pois a população mundial cresce mais depressa do que o trabalho missionário.



Louise Kemeny e as três filhas do casal

Outra maravilha que prova a advertência do Presidente Kimball de que já dobramos a última esquina é a construção do templo. Sempre que o visito, noto que é uma realidade e não um devaneio. Já completamos nossa quota de participação monetária, mas resta a preocupação de saber se todos estão preparados para entrar e fazer seus convênios. Quando morava nos E.U.A., tive um período de preparação para o endowment e o selamento. Foi uma grande oportunidade para nova conversão e maior relacionamento com o Pai Celestial; por isso dou muito valor a esse local sagrado e tenho sentido falta de ir lá e relembrar meus convênios, depois que vim para o Brasil.

Deixando uma mensagem aos membros, digo primeiramente aos jovens: Que o futuro é hoje; hoje é o dia de liderar; Joseph Smith, Enoque, Néfi eram jovens quando foram chamados a liderar. Líderes, os nossos jovens já são. Se se mantiverem próximos ao Senhor sendo bons exemplos, o chamado para liderar virá, pois o tempo de servir é hoje. Sejam os melhores em qualquer campo que escolherem. Sejam o melhor líder em sua ala, o melhor estudante da sua turma, o melhor profissional de sua equipe.

Sentimos uma gratidão imensa, quando estendemos um chamado e ele é aceito. Todo chamado é feito por inspiração do Espírito e posso testificar aos membros, que não fazemos um chamado sem sentir em nossos corações o espírito da inspiração. Quando recebemos essa inspiração, nossa alegria é intensa, pois sabemos que o Senhor está conosco; como ele se manifestou em Moisés 6:27 — "Enoque, meu filho, profetiza a esse povo e dize-lhes: Arrependei-vos, porque assim diz o Senhor." E Enoque querendo esquivar-se respondeu no versículo 32 "Por que é que encontrei graça a tua vista? Sou apenas um rapaz e todo o povo me odeia porque não falo com desembaraço." E o Senhor disse: Enoque vai e faze o que te ordeno. Abre a tua boca, porque te darei palavras. v. 34 "Eis que meu espírito repousa sobre ti, portanto justificarei tuas palavras; e as montanhas fugirão de tua presença e os rios mudarão seus cursos e tu permanecerás em Mim, e Eu em ti; portanto, anda comigo." Não devemos recusar nenhum chamado, julgando que ele esteja acima de nossa capacidade. Se fizermos a nossa parte, o Senhor tem sua palavra empenhada que estará conosco.

Para os membros adultos, falo sobre a nossa conversão, que ocorre quando aceitamos o Evangelho e prossegue paulatinamente. Cada dia nós nos convertemos um pouquinho. Posso dizer que tive duas conversões na vida; quando fui batizado e mais tarde quando me preparava para receber a bênção patriarcal, e me sinto como Alma no cap. 5, v. 26 — "E agora meus irmãos, se haveis experimentado uma mudança em vossos corações, se haveis sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime, eis que quisera perguntar-vos: podei agora sentir isso? A conversão é um processo que nunca termina. Nós nos convertemos quando nos batizamos, mas tornamos a errar e temos que voltar a nos converter novamente através do arrependimento e das boas ações.

Finalizando, lembro ainda um versículo maravilhoso desse mesmo cap. de Alma: 5:33: — Eis que ele envia um convite a todos os homens, pois eis que seus braços de misericórdia estão estendidos para eles, e diz: Arrependei-vos e eu vos receberei.

Templos Sagrados

d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Élder Gordon B. Hinckley
do Conselho dos Doze Apóstolos

Maquete do Templo de São Paulo-Brasil, em fase final de construção.



A Igreja Restaurada

Joseph Smith

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi organizada por Joseph Smith, o Profeta, em Fayette, Nova York, EUA, a 6 de abril de 1830. Durante um período de dez anos antes desse acontecimento, Deus revelou a Joseph Smith as instruções que ele precisava para organizar a Igreja.

A primeira e mais importante dessas revelações veio na primavera de 1820. Deus, o Pai, e Seu Filho Jesus Cristo apareceram pessoalmente a Joseph Smith e se dirigiram a ele. Naquela ocasião, Joseph Smith tinha apenas 14 anos e estava orando fervorosamente para saber a qual das seitas contrárias da época deveria filiar-se.

Em 1823, Joseph foi visitado por um anjo. Mais tarde, esse anjo confiou a ele os antigos registros dos quais o Livro de Mórmon devia ser traduzido. Esse livro de Escrituras foi publicado em março de 1830, a fim de estar pronto para a restauração da Igreja de Jesus Cristo, o que aconteceu no mês seguinte.

Uma vez restaurada, a Igreja cresceu rapidamente, a despeito da oposição que levou seus membros sempre em direção ao oeste. A perseguição culminou com o martírio de Joseph Smith em Carthage, Illinois, a 27 de junho de 1844.

Ao contrário do que seus inimigos esperavam, a morte do Profeta Joseph Smith não destruiu a Igreja. Sob a direção de um novo líder, Brigham Young, milhares de homens, mulheres e crianças valentes viajaram penosamente para os vales das Montanhas Rochosas, na parte oeste dos Estados Unidos, onde puderam adorar em paz. Hoje a Igreja restaurada está firmemente estabelecida e está crescendo vigorosamente em todo o mundo.

Por que esses Templos

Houve já algum homem que, num momento de introspeção, não tenha ponderado os mistérios solenes da vida? Todo homem não perguntou a si mesmo: "De onde vim? Por que estou aqui? Para onde vou? Qual é minha relação para com meu Criador? A morte vai roubar-me as ligações da vida que eu considero preciosas? E minha mulher e meus filhos? Haverá outra existência depois desta e, se assim for, nós nos conheceremos lá?"

As respostas a essas questões não são encontradas na sabedoria dos homens. Podemos achá-las apenas na palavra revelada de Deus. Os templos d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são locais sagrados onde essas e outras perguntas são respondidas. Cada um deles está dedicado como uma casa do Senhor, um lugar de santidade e paz. Cada um é um lugar separado do mundo, onde verdades são ensinadas e onde são realizadas ordenanças que trazem o conhecimento das coisas eternas. Esses ensinamentos e ordenanças motivam uma pessoa a viver com compreensão dessa herança como filho de Deus e com um entendimento de que é um ser eterno.

A Igreja administra dezoito templos em todo o mundo. Esses edifícios, diferentes das milhares de construções normais espalhadas pelo mundo, são incompatíveis com os outros edifícios religiosos, em propósito e função. Não são o tamanho desses edifícios, ou sua beleza arquitetônica que os fazem tão diferentes; é o trabalho que se realiza neles. Templos dos Santos dos Últimos Dias são encontrados no Canadá, Inglaterra, Suíça, Japão, Brasil e Nova Zelândia, bem como no Havaí, Califórnia, Arizona, Utah, Idaho e Washington DC, nos Estados Unidos. Dois Templos, um em Ohio, outro em Illinois, EUA foram construídos nos primeiros anos da Igreja, mas foram abandonados quando os Santos dos Últimos Dias foram impelidos de um lugar para outro por fanáticos de uma era menos tolerante.

Templo de Manti,
Utah, U.S.A.

A Dedicação dos Templos



A designação de certos edifícios para ordenanças especiais, distintos dos lugares normais de adoração, não é nova. Era essa a prática na antiga Israel, onde as pessoas adoravam normalmente nas sinagogas. Seu lugar mais sagrado era, em primeiro lugar, o tabernáculo no deserto, com sua sala para o Santíssimo. Depois, construíram uma série de templos, onde realizaram ordenanças especiais e onde apenas aqueles que preenchiam as qualificações requeridas podiam participar dessas ordenanças.

A prática hoje é a mesma. Antes da dedicação de um templo, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias convida o público a visitar o edifício e inspecionar suas várias acomodações. Mas quando é dedicado torna-se a casa do Senhor. O templo adquire um caráter tão sagrado que apenas os membros dignos da Igreja têm permissão para entrar.

O trabalho que se realiza nesses edifícios é parte dos propósitos eternos de Deus para seus filhos e sua maior criação. A maior parte desse trabalho se relaciona com a família, sendo cada um de nós membro da família eterna de Deus e sendo cada um de nós membro de famílias terrenas. Relaciona-se com a santidade e natureza eterna do convênio do casamento e das relações familiares.

O trabalho nos templos afirma que cada homem ou mulher nascido no mundo é um filho de Deus. A repetição desse ensinamento básico e fundamental beneficia aqueles que o recebem. A doutrina é enunciada numa linguagem bela e impressiva. O participante chega a perceber que uma vez que todo homem é filho do Pai Celestial, então ele é um membro de uma família divina; assim, todos os homens são seus irmãos.

Quando o escriba lhe perguntou: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?", o Salvador respondeu: "Amarás pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: esse é o primeiro mandamento.

"E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Marcos 12:28, 30-31).

Os ensinamentos dados nos templos modernos salientam intensamente esse conceito fundamental do dever do homem para com seu Criador e para com seu irmão. As ordenanças sagradas ampliam essa filosofia da família de Deus. Essas ordenanças ensinam que o espírito dentro de cada um de nós é eterno, em contraste com o corpo, que é mortal. Elas não dão apenas ao participante o entendimento dessa grande verdade, mas também o motivam a amar a Deus e o encorajam a mostrar maior amizade aos outros filhos de nosso Pai.

Se aceitarmos a premissa de que o homem é um filho de Deus, reconheceremos que Deus tem uma razão para nos provar na vida mortal. Aqui novamente a verdade revelada é ensinada no templo. A vida terrena é parte de uma jornada eterna. Vivemos como crianças em espírito antes de vir para cá. A Bíblia testifica isso, como na palavra do Senhor a Jeremias: "Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta." (Jeremias 1:5).

Entramos nesta vida como filhos de pais mortais e como membros de famílias. Os pais são associados de Deus na realização de seus propósitos para com seus filhos. A família, portanto, é uma instituição divina, a mais importante, tanto na mortalidade quanto na eternidade.

Templo de Hamilton,
Nova Zelândia



As Ordenanças na Casa do Senhor

Muito do trabalho realizado dentro dos templos se relaciona com a família. Para entender o significado do trabalho no templo, precisamos entender outros fatos básicos. Nós existíamos como filhos de Deus antes de nascermos neste mundo. Da mesma forma continuaremos a viver depois da morte. Os relacionamentos que nós acumulamos e gozamos aqui na mortalidade — os mais lindos e significativos encontrados na família — poderemos ter também no mundo vindouro.

Casais que vêm ao templo e que depois da morte recebem suas bênçãos estão unidos, não apenas pelo período de suas vidas mortais, mas para toda a eternidade. Estão casados, não apenas pela autoridade da lei do país, que os une até que sejam separados pela morte, mas também pela autoridade do Sacerdócio eterno de Deus, que une no céu o que é unido na terra. O casal assim unido tem a segurança de uma revelação de Deus de que seu relacionamento e o de seus filhos não terminará com a morte. Continuará eternamente, desde que vivam de modo a merecer essa bênção.

Houve alguma vez um homem e uma mulher que realmente se amassem e que não tivessem orado para que pudessem estar juntos além do túmulo? Alguma criança foi enterrada por pais que não desejassem a segurança de que seu filho fosse novamente seu no mundo vindouro? Pode alguém que acredita na vida eterna duvidar de que Deus garantiria a seus filhos e filhas o mais precioso atributo da vida — o amor que tem sua expressão mais significativa na família? Não, a razão pede que a família continue depois da morte. O coração humano anseia por isso. O Deus do céu revelou um modo pelo qual podemos manter nossa família. As ordenanças sagradas da casa do Senhor proporcionam isso.

As bênçãos das Ordenanças também para os mortos

Mas, o motivo para tudo isso pareceria ser egoísta demais se as bênçãos dessas ordenanças estivessem ao alcance apenas daqueles que são membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias agora. O fato é que a oportunidade de entrar no templo e receber essas bênçãos está aberta para todos que aceitaram o Evangelho e foram batizados na Igreja. Por essa razão, a Igreja tem um extenso programa missionário em grande parte do mundo e continuará a expandir esse programa tanto quanto possível. A Igreja tem a responsabilidade, por revelação divina, de ensinar o Evangelho restaurado a "todas as nações, línguas e povos".

Mas há incontáveis milhões que viveram e nunca tiveram a oportunidade de ouvir o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Serão negadas a eles as bênçãos que são oferecidas nos templos da Igreja?

Através de representantes vivos dos mortos, as mesmas ordenanças que são oferecidas aos vivos tornam-se acessíveis aos que morreram. No Mundo Espiritual homens e mulheres estão livres para aceitar ou rejeitar as ordenanças feitas por eles, inclusive batismo, casamento, e o selamento da família. Deus não forçará ninguém a aceitar essas ordenanças, mas todos devem ter a oportunidade de aceitá-las.

Templo de Londres, Inglaterra

A Santidade dos Templos



Esse trabalho vicário constitui uma obra de amor sem precedentes por parte dos vivos em relação aos mortos. Torna necessário um empreendimento vasto de pesquisa genealógica para achar e identificar os que morreram. Para ajudar nessa pesquisa, a Igreja coordena um programa genealógico e mantém condições de pesquisa inigualáveis no mundo todo. Seus arquivos estão abertos ao público e são usados por muitos que não são membros da Igreja e que desejam descobrir seus ancestrais. Esse programa tem sido elogiado por genealogistas em todo o mundo e foi utilizado por várias nações como salvaguarda de seus documentos. Mas, o propósito principal é fornecer aos membros da Igreja os recursos necessários para identificar seus ancestrais, a fim de que possam estender a eles as bênçãos que eles próprios desfrutam.

Com efeito, os membros dizem de si para si: "Se eu amo tanto minha esposa e filhos que os quero para toda a eternidade, meus avós, bisavós e outros ancestrais não devem ter a oportunidade de receber as mesmas bênçãos eternas?"

E assim, nesses edifícios sagrados uma grande atividade é empreendida reverentemente pelos membros da Igreja. Eles têm em mente uma parte da revelação de João. Nessa revelação está registrada esta pergunta e resposta: "Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram?

"...Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro.

"Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo." (Apocalipse 7:13-15).

Aqueles que vêm a esses templos usam roupas brancas quando participam das ordenanças. Eles vêm apenas pela recomendação de suas autoridades locais da Igreja, que certificam que eles são dignos. Espera-se que eles sejam limpos de pensamento, limpos no corpo, e limpos nas vestes quando vêm a um templo de Deus. Quando entram no templo, espera-se que deixem o mundo atrás de si e se concentrem nas coisas de Deus.

Certamente, os templos são únicos dentre todas as construções. São lugares de aprendizagem, são lugares de convênios e promessas. Em seus altares nos ajoelhamos ante Deus nosso Criador e recebemos promessas de suas bênçãos eternas. Dentro da santidade dos templos comungamos com ele e refletimos sobre Seu Filho, nosso Salvador e Redentor, o Senhor Jesus Cristo. Ele deu-se a si mesmo num sacrifício vicário em benefício de cada um de nós. Aqui deixamos de lado nosso próprio egoísmo e servimos àqueles que não podem servir a si mesmos. Aqui nos unimos na mais sagrada de todas as relações humanas. Servimos como maridos e mulheres, como filhos e pais, como famílias através de um selamento que o tempo não pode destruir e a morte não pode romper.

Os templos dos Santos dos Últimos Dias foram construídos mesmo durante aqueles anos negros em que os membros da Igreja eram implacavelmente pressionados e perseguidos. Eles os construíram e os mantiveram em tempos de pobreza e em tempos de prosperidade. Esses templos resultaram da fé de um número sempre crescente de membros que prestam testemunho de um Deus vivo, do Senhor ressurreto, de profetas e revelação divina, e da paz e segurança de bênçãos eternas que são encontrados apenas na casa do Senhor.

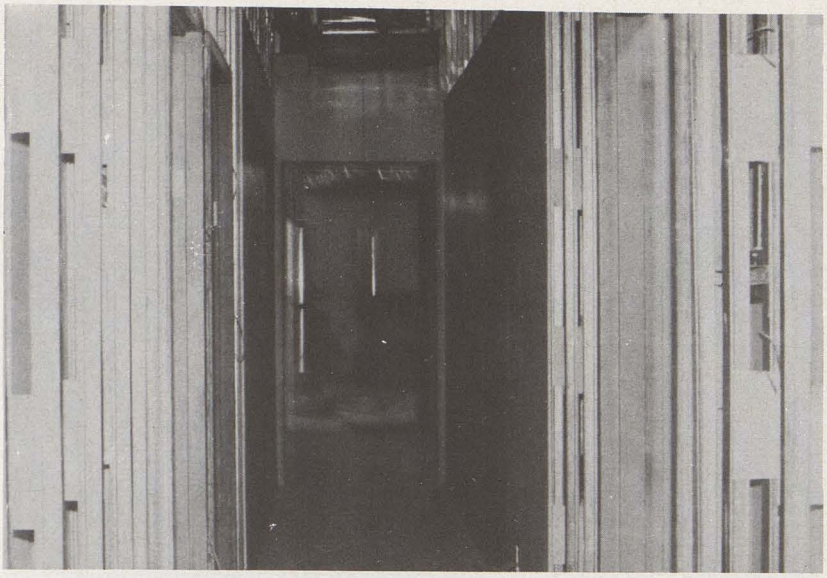
As Obras do Templo

A construção da Casa do Senhor já adquiriu definitivamente formas arquitetônicas. A maior mão-de-obra despendida atualmente é na parte externa, que recebe vários sistemas de instalações, como reservatórios, casa de bombas, cabine de alta tensão, dutos para cabos também de alta tensão, que para total segurança deverão estender-se por canais e caixas de passagem, feitos em concreto. Quase todos serviços deverão ficar soterrados, valorizando a estética do edifício que será adornado por um esplendido jardim e fonte luminosa, cuja instalação já foi iniciada, com a implantação de uma bomba hidráulica e sistema de filtros.

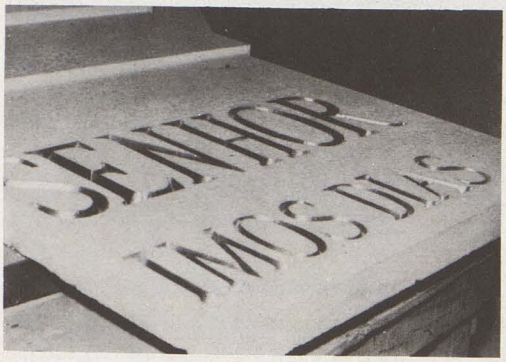
As divisões internas das salas de ordenanças, escritórios e demais dependências, estão instaladas mostrando as dimensões exatas de cada compartimento.

Também a inscrição "A Casa do Senhor" feita no mármore para a fachada está pronta. O letreiro folhado a ouro foi feito e doado pela irmã Leny Belanca.

Obedecendo ao mandamento do Senhor, devemos ser diligentes com a obra do Senhor, e com nossa preparação pessoal para recebermos os convênios do templo. É necessário que apressemos nossos passos, para que o Senhor não nos repreenda por andarmos "em trevas ao meio-dia". (DeC 95-6).

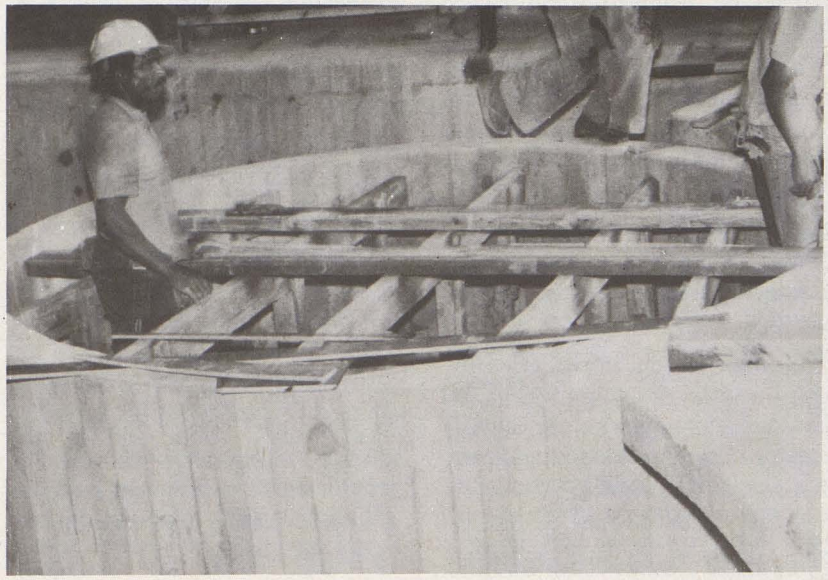


Paredes divisórias das dependências internas



Parte da gravação de mármore "A Casa do Senhor"

Pia Batismal — fase final antes do revestimento



NOTÍCIAS DO TEMPLO DE SÃO PAULO



Casal Magleby na obra do templo

Despedida dos Magleby

O irmão Arlo J. Magleby que trabalhou na confecção das placas de mármore que revestem a parte externa do templo de São Paulo desde o início do ano, retorna agora a Salt Lake, depois de haver concluído seu trabalho nas placas de mármore, na fundição dos bois que suportam a pia batismal e no revestimento da pia. Toda produção programada foi concluída no tempo previsto e deixada ao encargo de pessoal especialmente treinado por ele.

O trabalho do irmão Magleby não foi fácil; enfrentou muitas dificuldades, principalmente com o idioma e com o material usado para desenvolver sua técnica. Foi preciso desenhar todos os tipos de moldes para fundição, o que acarretou muito tempo e esforço e só a inspiração do Senhor o ajudou a transpor os obstáculos. Apesar do intenso trabalho, ele apreciou deveras o tempo que passou entre os brasileiros, mesmo não tendo dominado o idioma. Para ele e sua esposa Ruth, este país e os membros da Igreja terão sempre um lugarzinho especial em seus corações.

Regressando aos Estados Unidos, o irmão Magleby pretende trabalhar em seu ofício por mais algum tempo, para financiar a missão de um de seus filhos que se encontra no campo missionário e em seguida virá sua aposentadoria que lhe proporcionará mais tempo para dedicar-se à família e ao trabalho da Igreja em sua ala.

Nota do Editor

A partir deste número, esta seção será dedicada a perguntas e respostas. Com a aproximação de dois grandes eventos que serão a visitação e a dedicação do templo, certamente todos temos necessidade premente de esclarecer dúvidas.

Nosso objetivo é que cada irmão ou irmã esteja bem informado sobre esses acontecimentos, de fundamental importância para os santos do Brasil e da América do Sul. Todos devem estar bem informados para avaliar suas necessidades e para informação do público em geral. Este plano faz parte de nosso trabalho missionário e nenhum membro tem o direito de ignorar as informações que a Igreja coloca ao seu alcance.

Esta seção de informações está sob a orientação do bispo Paulo Dias Machado, do comitê de Relações Públicas, "que aguarda a colaboração das autoridades eclesiásticas da Igreja no sentido de esclarecer os membros em geral.

Esperamos as suas perguntas. Toda correspondência para esta seção deverá ser encaminhada para:

A Liahona
Comunicações Públicas do Templo

Caixa Postal, 19079
São Paulo — 01000

O Editor de A'Liahona

O Templo, Como e Quando?

1) Quando poderemos visitar o templo?

As visitas ao templo de São Paulo serão permitidas durante o período de um mês aproximadamente, que antecederá sua dedicação, diariamente, com exceção dos domingos e segundas-feiras. A ocasião da visitação será anunciada por esta revista às alas e ramos.

Atualmente, as visitas de membros estão sendo desaconselhadas e circular nesse sentido já foi expedida há alguns meses em virtude da fase de trabalho, das ferramentas perigosas que se encontram espalhadas pelo local, do difícil acesso às instalações e sobretudo pela preocupação que tais visitas causariam aos funcionários e supervisor da obra, acarretando no final de cada período grande atraso do trabalho.

2) Tenho familiares que não são batizados. Eles poderão visitar o templo?

Sim, cabe-nos esclarecer três aspectos diferentes, com referência a essa pergunta.

1 — Quando da visitação pública (antes da dedicação) serão organizados grupos de visitantes convidados que em companhia de guias, visitarão todas as dependências do templo.

2 — Na dedicação — Com recomendação do seu bispo ou presidente de ramo, para as sessões especificadas com lugares selecionados, só para membros da Igreja.

3 — Após a dedicação para ORDENANÇAS — Para todos os membros dignos com a devida recomendação.

3) O que iremos ver no templo durante o período da visitação?

A pia batismal onde são batizados por imersão como representantes dos mortos que não tiveram a oportunidade de receber o batismo durante suas vidas mortais.

Salas de instruções usadas para cerimônia do "Endowment" (um curso de instruções sobre a jornada eterna do homem antes do seu nascimento, durante a vida mortal e após a morte).

Sala onde são realizados casamentos que durarão após a morte e por toda eternidade.

Salas de espera e vestiários.

Lavanderia, cozinha e dependências para refeições.

Escritórios administrativos.

4) Sou um Élder ativo, porém minha esposa não freqüenta a Igreja com assiduidade. Poderemos fazer o selamento no templo?

Poderão, depois que ela se arrepender e se converter ao Evangelho, ativando-se na Igreja e exercendo todos os chamados. Sugerimos que procurem o bispo, discutam com ele esse problema. Ele providenciará um plano para ajudá-los.

5) Eu e minha esposa somos membros bem antigos e pretendemos casar-nos no templo. Nossos amigos e parentes que não são membros poderão assistir à cerimônia?

Não. O casamento no templo é uma ordenança muito sagrada. Não tem o aspecto nem a finalidade que o mundo quer do casamento (satisfação à sociedade). Vocês devem ter algumas poucas testemunhas que podem ser pessoas da família, mas que tenham recomendação específica para entrar no templo.

6) Meu bispo disse em um discurso que todos os membros devem acelerar os passos da obra missionária, fazendo o programa SIGA para que o templo no Brasil possa funcionar regularmente. Não entendi a relação entre os novos batismos e o templo.

Em Mateus, cap. 28, v. 29 está registrado: "Portanto ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo."

O templo proporciona aos membros as maiores bênçãos. É nosso dever propiciar aos nossos parentes e amigos a oportunidade de alcançarem a plenitude das bênçãos que não podem ser conhecidas fora do templo. Um dos principais propósitos dos templos é propiciar aos pais os meios de salvar e unir sua própria família através dos seus próprios endowments e selamentos.

Firmes, Marchai!

Amor Fraternal e Companheirismo

Foi um tempo muito bom aquele em que pudemos dedicar parte de nossas vidas ao trabalho do Senhor.

Esta pequena mensagem é dedicada a todas nossas companheiras e líderes da missão Brasil-Porto Alegre.

Embora o término de nossa missão tenha feito com que tomassemos rumos diversos, não queremos que se apaguem no tempo tão doces recordações de quando servimos a Deus as vinte quatro horas, e aprendemos a ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo e amar nossas companheiras.

A experiência é maravilhosa e as bênçãos incontáveis.

Nós tivemos a oportunidade de algum tempo atrás, na cidade de Santa Maria, nos conhecermos partilhando nossas experiências, nossas vidas e crescendo juntas num testemunho da veracidade do Evangelho — um elo forte que nos levará à eternidade num reino celestial na presença do Nosso Pai.

Esperamos lá, um dia poder estar todos reunidos e juntos partilharmos de nosso progresso e alegrias nesta vida e o término de nossa missão.

É assim que imaginamos a alegria completa e a vida celestial, em torno de todos aqueles a quem amamos usando a citação do Profeta Joseph Smith: "Amigos verdadeiros, amigos eternos."

Possa o Senhor nos abençoar para que sejamos fortes e perseverantes até o fim. Em nome de Jesus Cristo. Amém.



Sisters Carla Fuzari e Biolacy Samways.



Élder Derrick e sra.

Presença de Élder Derrick na Conferência da Estaca Rio de Janeiro - Brasil

Foi realizada no dia 18 de setembro a XXI conferência trimestral da estaca Rio de Janeiro com a presença do Élder Royden G. Derryck do Primeiro Quorum dos Setenta. O presidente da estaca, Valdemar Cury, dirigiu a sessão que teve como tema principal o trabalho missionário, sendo o primeiro orador. Falou da formula mágica para o trabalho missionário que é a participação de cada membro através de seu exemplo, da fidelidade aos chamados da Igreja e do contacto com pessoas, envolvendo-as suavemente no evangelho. Citou a seção 88 de DeC, v. 81 "Eis que vos enviei para testififcar e prevenir o povo, e todo o que for prevenido deve prevenir o seu próximo." Falou da nossa responsabilidade em ajudar nossos semelhantes a se livrarem do pecado para entrarem no reino de Deus. Caso contrário seremos também culpados dos pecados daqueles a quem tivemos oportunidade de ajudar na salvação e negligenciamos.

O presidente Ports, falou da delinqüência em que o mundo vive, pela presença de Satanás. É dever de cada membro salvar o mundo. A honestidade com o próximo e conosco mesmos é um passo decisivo e fundamental para essa obra. Afirmou que a Verdade do evangelho é a única receita para transformar homens e curar almas.

O irmão Alfredo Torres Mendes, relembrou da nossa preexistência, onde pedimos para vir ao mundo. Antes de virmos fizemos uma série de promessas a Nosso Pai Celestial de obediência às suas leis e ele nos prometeu bênçãos a cada lei que obedecessemos. Uma das leis que prometemos cumprir é esta: levar o Evangelho a todos os povos. E ele espera que cada um cumpra essa lei. O presidente da Missão Rio de Janeiro, Hélio da Rocha Camargo, dentro do mesmo tema, incentivou os presentes a terem coragem e serenidade diante do mundo e não se envergonharem do Evangelho. Assumir diante de todos que somos SUD e prestar esse testemunho na ocasião propícia.

O Élder Derryck falou sobre nosso templo, que todos devemos preparar-nos para entrar no templo e permanecer dignos, para lá voltar outras vezes; devem ter sua consciência tranqüila no momento de responder as perguntas aos líderes e obter as recomendações para realizar seus convênios. Ressaltou o quanto é maravilhoso estar limpo para realizar os convênios eternos e permanecer neles. Lembrou também que somos o santuário de Deus e se o destruirmos, o Espírito de Deus que habita em nós através do Espírito Santo nos abandonará, deixando-nos sozinhos. Finalizou dizendo que na fachada de cada templo está escrito "A Casa do Senhor", porque é lá que ele habita, e nada impuro deverá entrar nela.

A Liahona •30/12 dezembro 1977

Uma mudança para melhor

A partir do próximo mês a A Liahona terá nova aparência. As páginas serão menores e em número maior. Isto não significa que você passará a receber menos pelo seu dinheiro. Na verdade, no período de um ano você receberá maior quantidade de boa leitura do que está recebendo agora, com o atual formato. A qualidade geral da revista vai melhorar, incluindo-se algumas páginas coloridas.

Nossa decisão de converter o atual formato em um tamanho mais compacto baseou-se nos seguintes fatores:

1. A nova revista gastará menos papel (cerca de 25% menos). Isto é importante pois a demanda mundial de papel está aumentando mais rapidamente do que a capacidade de produzi-lo, de modo que o papel está ficando cada vez mais caro e mais difícil de obter.

Entretanto, o fato de gastarmos menos papel não significa que você terá menos o que ler. Na realidade, usando o formato compacto teremos mais texto em menos papel, de modo que você terá maior quantidade de boa leitura pelo mesmo preço. Isto tudo se deve ao tamanho relativo das margens e das ilustrações.

2. Devido à menor quantidade de papel, a nova revista passará a pesar menos e seu envio pelo correio também custará menos.

A economia resultante do corte nas despesas de papel e remessa postal será empregada para melhorar a apresentação da revista bem como para manter o preço da assinatura o mais baixo possível.

3. O novo formato presta-se melhor a artigos mais curtos. A maioria da matéria contida em A Liahona é extraída de artigos publicados nas várias revistas da Igreja. Com mais espaço disponível e com artigos mais curtos poderemos levar até você maior variedade de assuntos.

4. O novo formato apresenta ainda a conveniência de ser mais fácil de carregar para as reuniões, para ler no ônibus e para acomodar em uma estante depois de lida.

Esperamos que você dedique um pouco do seu tempo para familiarizar-se com a sua revista em seu novo formato e que, ao fazê-lo, possa sentir-se satisfeito com os resultados. Há um ditado que diz que "as coisas boas geralmente vêm em pequenos pacotes". Acreditamos que este seja exatamente o caso com a nova revista que você estará recebendo no próximo mês.

